



RAGNAROK

ROUND 7

ROUND 7



By Derakkusu, The Storyteller

- SUMÁRIO -

Leiam em Layout de Impressão

Ragnarok: 7ª Rodada

Título:

Reflexo Púrpura

Luta:

Kai Vs. Sate
Völund: Darius

Lista de Capítulos:

- 20. Sombras no Limbo | Pág. 3
- 21. Mortal e Divino | Pág. 15
- 22. Imensidão Púrpura | Pág. 43
- 23. Reflexo Celestial | Pág. 66
- 23.1 Tragédia | Pág. 81

Personagens da Capa:

Kai
Sate
Darius

Outros Personagens Presentes:

Kursh
Shadow
Yuna
Iguioz
Dum
Deluxe
Hope
Ferminiano
Blahz
Yuuki

Sombras no Limbo

20.

No Limbo, Heron Megami avançava com determinação. O ambiente ao seu redor era uma vasta e desolada paisagem, envolta em névoas escuras e enevoadas, uma espécie de purgatório eterno onde o tempo parecia não existir. O chão era um mosaico de sombras ondulantes e as paredes eram formadas por sombras que se estendiam indefinidamente. O céu acima estava sempre em um crepúsculo perpétuo, uma mistura de roxos e cinzas que se fundiam sem fim.

Heron sentia sua energia sombria pulsando em sintonia com o ambiente, como se a própria essência do Limbo respondesse à sua presença. Se conseguisse obter o Núcleo do Limbo, o Syntax, ele alcançaria o ápice do poder divino e poderia finalmente erradicar X de uma vez por todas.

Mas, para sua surpresa, Heron encontrou uma figura familiar e estranha à sua frente. Era o deus Blahz, o mesmo que o havia banido de X há eras. Blahz se manifestava diante dele com uma aura imponente, suas roupas divinas esvoaçando na penumbra.

— O que faz aqui, Megami? Quem permitiu que saísse do seu exílio? — perguntou Blahz com uma voz grave e autoritária.

Heron sorriu de forma desafiadora.

— Engraçado dizer isso, eu não faço ideia de quem tenha sido, mas era um ser divino e espectral, eu senti isso. Não que importe, eu voltei porque não perderia a oportunidade de instaurar as sombras e moldar este lugar à minha maneira.

Blahz se ergueu com uma postura austera.

— Eu nunca permiti sua volta. Estar aqui é uma afronta gravíssima, Megami.

— Não me trate como uma criança, sou um deus, muito superior a você. Me exilou uma vez, mas jamais fará isso de novo, Blahz.

Heron ergueu suas mãos e as sombras ao seu redor se agitaram, se lançando em direção a Blahz. No entanto, ao atingir o alvo, Heron percebeu que a figura diante dele era apenas uma projeção, atravessando-a sem causar dano.

— Entendo — Heron riu, uma risada carregada de desprezo. — Este lugar funciona como um purgatório, não é? Colocaram o Blahz para me atormentar? Não me façam rir, é patético.

De repente, o ambiente ao redor de Heron começou a se moldar, distorcendo-se em um cenário que mudava constantemente. Blahz, na forma de uma projeção etérea, continuou a falar.

— Heron, qual é o seu objetivo afinal de contas? Por que luta?

Heron observou a transformação ao seu redor e, com um olhar penetrante, respondeu com convicção.

— Eu luto para instaurar as sombras e remodelar este mundo. O Syntax será meu, e com ele, terei o poder necessário para eliminar aqueles que se interpõem no meu caminho, incluindo X. É uma questão de supremacia e de restaurar a ordem conforme meu desejo. A sombra é a verdadeira ordem.

Enquanto o cenário ao redor se moldava e distorcia, Blahz continuava a se manifestar como uma projeção, sua presença etérea imperturbável. Sua voz ecoava com um tom de condenação.

— Megami, você sempre foi um fanático por poder. Sua busca interminável por mais e mais, suas experiências cruéis, tudo isso é o que define sua essência. Sempre procurou ampliar sua influência, sem considerar as consequências para os outros. E agora, você se apresenta como um salvador, mas é apenas uma sombra de suas próprias ambições.

Com essas palavras, o cenário ao redor de Heron começou a se preencher com imagens de seu passado. Memórias fragmentadas, algumas distorcidas e outras claras, surgiram diante de seus olhos, como se fossem páginas viradas de um livro antigo.

Blahz continuou, suas palavras carregadas de uma sabedoria amarga.

— Veja bem, Heron Megami, você não mudou desde o princípio. Cada etapa de sua vida, cada ato de crueldade, cada experiência desumana, são como capítulos em um livro que não se cansa de reescrever. Você pode mudar de forma, de lugar, de objetivo, mas sua essência permanece a mesma.

As memórias se desenrolaram em imagens vivas. Heron, em sua juventude, cercado por servos aterrorizados enquanto ele conduzia experimentos sombrios. A destruição causada por suas ações, os gritos de seus adversários, as súplicas de misericórdia ignoradas. Cada cena mostrava sua implacável ascensão ao poder, sempre empurrando os limites da crueldade e da ambição.

— Veja a destruição que causou, a dor que espalhou — Blahz continuou, seu tom imperturbável. — Cada um desses eventos define o que você realmente é. A busca por mais poder nunca trouxe verdadeira satisfação, apenas um ciclo interminável de destruição e vazio.

Heron observava essas imagens com uma expressão neutra, embora seu olhar estivesse carregado de uma mistura de raiva e resignação. Blahz parecia ler suas emoções como se fossem palavras em uma página, revelando as verdades mais profundas e desconfortáveis.

— E agora você acredita que pode moldar o Limbo à sua maneira, que pode alcançar o ápice do poder divino? — Blahz disse com um tom de ironia. — Tudo isso é apenas uma repetição da sua busca insaciável. Seu destino já foi escrito, e nada do que faça mudará isso.

O ambiente ao redor parecia se apertar em torno de Heron, as sombras e distorções aumentando a sensação de opressão. Blahz, apesar de ser uma projeção, tinha uma presença que parecia pesar como uma verdade inescapável.

Heron, no entanto, não recuava. Sua voz, agora mais determinada e grave, respondeu: — Suas palavras são apenas eco de uma era passada, Blahz. Meu objetivo não é ser como eu era antes, mas transcender essa limitação. O Syntax está ao meu alcance, e com ele, meu destino será moldado conforme minha visão, não a sua.

O confronto entre a antiga sabedoria de Blahz e a obstinação de Heron se intensificava, enquanto o Limbo continuava a se transformar, refletindo o conflito interno e a luta pelo poder que estava prestes a decidir o futuro da existência.

Blahz, agora voltado para a imagem de Heron na memória, encarnava a sua antiga autoridade e voz imponente, declarando com uma solenidade que reverberava no Limbo:

— O Limbo será seu exílio a partir de agora. Você não poderá sair, e a cada minuto, sua existência aqui se tornará mais insuportável.

Enquanto Blahz se voltava, imbuído de uma aura de triunfo, um arpão cortou o espaço, atingindo-o pelas costas. Blahz deixou escapar um grito de surpresa e dor, enquanto o arpão se cravava profundamente em sua forma etérea.

Heron, o original, apareceu agora em meio à memória, com um sorriso cruel no rosto. Seu riso ecoava pelo Limbo, um som que misturava satisfação e desdém.

— Bem, eu não sou muito confiável, nem mesmo nas minhas memórias — Heron original zombou, observando com prazer o Heron da memória cravando uma lâmina no corpo de Blahz.

— Arggh, você vai se arrepender, Megami. Compreenderá que o Limbo vai te consumir — Blahz se esforçou para responder, sua voz distorcida pela dor e indignação.

— Não se preocupe, Blahz — Heron original respondeu com uma frieza implacável.

— Ele não vai me consumir, pois eu sempre fiz parte dele.

Com um gesto decisivo, Heron original fez o arpão se aprofundar, enquanto Blahz, em sua forma projetada, se debatia e emitia gemidos de dor. O Limbo ao redor parecia responder a esse ato, distorcendo ainda mais, refletindo o caos que Heron estava criando.

Enquanto a projeção de Blahz se desintegrava lentamente, Heron mantinha sua postura imperturbável. Seus olhos, agora fixos no Núcleo do Limbo, brilhavam com uma determinação inflexível.

— O que está por vir, Blahz, não é o fim para mim, mas o começo do meu verdadeiro poder. E esse Limbo, assim como sua autoridade, é apenas uma parte do caminho para o meu objetivo final.

Enquanto a figura de Blahz se desvanecia, a imagem do Limbo parecia se recompor, as sombras e formas se rearranjando em um novo equilíbrio, uma prova de que Heron havia marcado seu domínio sobre o lugar.

O Limbo, uma vez uma prisão temida, agora se tornava um campo de possibilidades para Heron, que avançava com sua nova visão de poder e ambição.

Heron, agora livre pelo Limbo, avança em direção ao núcleo que procura, mas se depara com uma imensa criatura guardiã. Sua aparência era uma combinação de terror e majestade: um monstro de tentáculos largos e escamosos, com uma estrutura parecida com uma amalgamação de serpente e crustáceo, pulsando com uma energia primordial. Seus olhos, como orbes flamejantes, observavam Heron com uma mistura de curiosidade e ameaça.

Com um rugido ensurdecido, a criatura avança, seus tentáculos se movendo com uma velocidade surpreendente. Eles cortam o espaço com um som de rasgo, tentando atingir Heron com força esmagadora e precisão mortal. O chão se estremece com o impacto dos tentáculos enquanto eles varrem a área, criando ondas de choque que tentam desestabilizar Heron.

Heron, no entanto, se move com uma agilidade quase etérea. Ele esquiva-se dos ataques com uma destreza sobrenatural, suas sombras dançando ao seu redor para bloquear e desviar as investidas da criatura. Seus olhos brilham com uma determinação implacável enquanto ele murmura com uma voz fria e ameaçadora:

— Está pedindo para morrer... pois realizarei seu pedido.

A cena corta para o Hall do X, agora vazio, onde Deluxe e Ferminiano estão presentes. O ambiente, um espaço solene e grandioso com altos pilares e uma vasta cúpula que normalmente reverberava com a presença dos deuses, agora estava silencioso e desolado.

Deluxe, com uma expressão pensativa, começa a explicar a Ferminiano seu desejo de proteger os humanos.

— A razão pela qual quero protegê-los, Ferminiano, é porque, de certo modo, eu vejo uma parte de mim neles. Eles são frágeis, sim, mas têm uma capacidade incrível de superação. Mesmo eu, como um fantasma exilado, encontrei uma conexão com eles.

Ferminiano, ainda tentando compreender a complexidade dos sentimentos de Deluxe, ouve atentamente.

— Quando você está isolado e fora de seu lugar, observa as coisas de uma perspectiva diferente. A humanidade, com todas as suas imperfeições, enfrenta desafios que parecem intransponíveis, e mesmo assim, eles avançam. Eu entendo que isso pode parecer suspeito, mas, na verdade, protegê-los tornou-se uma responsabilidade que ninguém quis assumir. Então, por que não eu?

Deluxe continua a refletir sobre a humanidade e seu papel, mesmo na sua forma exilada. Para ele, a proteção dos humanos se tornou uma missão pessoal, uma maneira de buscar redenção e propósito.

— Eles têm algo que os deuses parecem ter perdido: a capacidade de lutar e se adaptar. Talvez, em algum nível, eu também busque essa força. Então, eu decidi assumir essa responsabilidade, mesmo que os outros não compreendam.

Ferminiano, ouvindo as palavras de Deluxe, começa a perceber a profundidade de sua convicção, mesmo que suas motivações sejam envoltas em um mistério. A verdade na declaração de Deluxe ressoava com a realidade dos desafios que enfrentam e das escolhas que fizeram.

Ferminiano tenta aprofundar sua compreensão do que estava acontecendo e do papel de Deluxe.

— Então, se entendi corretamente, você, mesmo sendo um fantasma exilado, decidiu proteger os humanos porque se vê neles de alguma forma. É uma responsabilidade que você assumiu, mesmo que os outros não o façam. Mas isso significa que há algo mais profundo por trás de sua decisão?

Deluxe, com uma expressão de introspecção, responde:

— Sim, exatamente. Às vezes, aqueles que estão à margem têm uma visão mais clara sobre o que está acontecendo ao seu redor. Eu vejo nos humanos uma luta constante, uma vontade de superar que eu próprio admiro. Não é apenas uma questão de proteger, mas de encontrar um propósito através dessa proteção. Mesmo que minha forma de agir possa ser vista como suspeita, a verdade é que estou tentando preencher um vazio com algo significativo.

Ferminiano parece compreender o lado de Deluxe, suas dúvidas se dissipando lentamente.

— Entendo melhor agora. Talvez, nesse contexto, sua escolha faça mais sentido. Mas é melhor voltarmos; Yuuki está sozinho e precisamos garantir sua segurança.

Deluxe, no entanto, balança a cabeça.

— Não se preocupe com Yuuki. Ele é mais forte do que você imagina. Extremamente útil e surpreendente. Talvez um pouco ingênuo, mas não subestime suas habilidades.

Nesse momento, uma figura de asas negras, visivelmente desgastadas e feridas, aparece. A presença é familiar e inquietante.

— I-Iguioz? O que está fazendo aqui? — pergunta Ferminiano, surpreso.

Iguioz, com uma expressão sombria e determinada, responde:

— A sombra me trouxe até aqui.

— O que está dizendo? Abaixе sua arma! — ordena Deluxe, com uma expressão preocupada.

De repente, três deuses surgem e interceptam um ataque de Iguioz, mostrando-se como a tríade celestial. Eles são imponentes e seus poderes emanam uma aura de autoridade e força.

Ferminiano assume imediatamente uma postura de combate, preparando-se para enfrentar qualquer ameaça que possa surgir. Deluxe, percebendo a gravidade da situação, se afasta rapidamente e corre em direção à Catedral 76, onde está sendo realizado um evento com diversos seres divinos, na tentativa de se afastar da ameaça iminente.

No entanto, Iguioz, com um olhar fixo e implacável, crava os olhos em Deluxe. O desejo de confronto é evidente em sua expressão, e sua determinação parece inabalável.

Então, um tilintar de sino ressoou.

Longe dali, Kai observava a arena de longe, sentindo uma inquietação crescente. Seu objetivo principal sempre fora ir atrás de Heron, mas a presença do deus havia desaparecido repentinamente. Kai sabia que o Limbo era um lugar impenetrável para corpos físicos e mesmo para espíritos e entidades espectrais. Assim, qualquer tentativa de infiltrar-se ou encontrar Heron diretamente estava fora de questão.

Enquanto a trombeta soava, anunciando a vitória de Kursh na sexta rodada, Kai refletia sobre os eventos. O resultado da luta e a ausência de Heron não poderiam ser uma mera coincidência. Kai percebeu que o desaparecimento de Heron não apenas indicava uma mudança na dinâmica da batalha, mas também que havia uma manipulação por trás dos eventos.

— Tsc... Seu fantasma miserável. Talvez, se eu quiser vencê-lo, vou ter que entrar no seu joguinho de xadrez — murmurou Kai, o desdém evidente em sua voz.

Kai compreendeu que Kursh, a mais poderosa das divindades, havia saído da jogada antes do esperado. Ele havia arquitetado a situação para forçar os humanos a usarem seu lutador mais poderoso na sexta rodada, com o objetivo de estender o tempo da luta e dar a ele a oportunidade de resolver as questões pendentes com Heron. Ele precisava de apenas sete minutos para completar seus planos. No entanto, a luta terminou muito mais rápido do que o previsto e, com o desaparecimento de Heron, Kai percebeu que a situação era mais complexa do que imaginara.

A remoção de Kursh da competição agora significava que os humanos teriam a chance de colocar suas peças mais fortes em jogo. Esse movimento inesperado dava aos humanos uma vantagem estratégica que Kai não poderia ignorar. A tática de colocar Kursh na sexta rodada parecia ter sido um plano para prolongar a luta, mas também expôs uma brecha significativa.

Diante dessa nova realidade, Kai viu-se pressionado a reagir. Para evitar que os humanos aproveitassem a vantagem recém-adquirida e para garantir sua vitória, Kai compreendeu que precisava agir com rapidez e precisão. Ele estava sendo forçado a entrar em cena na sétima luta, uma oportunidade para dar o cheque mate na humanidade e distanciar ainda mais o resultado em favor dos deuses.

A arquitetura da estratégia de Kai era clara: enquanto os humanos estavam preparados para fazer movimentos decisivos com suas principais peças, ele precisava reverter a situação e garantir a vitória dos deuses. O desafio agora era ajustar seus planos em resposta aos movimentos inesperados dos adversários, e a luta seguinte seria crucial para definir o destino da competição.

Yuuki caminhava lentamente pelo corredor que o levava à Sala das Lamentações. O peso da derrota ainda o afetava, mas ele sabia que precisava continuar, precisava

honrar aqueles que caíram antes dele. Quando chegou à entrada da sala, lembrou-se de como Deluxe sempre prestava homenagens a todos os que lutaram e deram suas vidas. Sentindo a responsabilidade do momento, Yuuki decidiu fazer o mesmo.

Ele se ajoelhou diante das estátuas dos caídos, fechando os olhos, e começou a murmurar palavras de respeito e gratidão a Osoch e Daniel. Ele sentia uma conexão profunda com eles, e as emoções começaram a transbordar de seu coração. No entanto, diferente de quando Deluxe fazia suas homenagens, as lágrimas de Yuuki não simplesmente caíam ao chão. Algo extraordinário aconteceu. Ao tocarem o solo, suas lágrimas se transformavam em pura energia, que fluía em direção à enorme estátua no centro da sala.

A estátua, silenciosa até então, começou a brilhar intensamente. A energia que emanava das almas de Osoch e Daniel, que morreram pelas mãos de Kursh e sua espada dourada, pulsava como uma força viva. A luz dourada reluzente irradiava pela sala, enchendo o ar de uma energia divina e avassaladora. Yuuki, maravilhado, observava em êxtase aquela cena. Sentia que estava presenciando algo grandioso, algo que simbolizava a verdadeira essência da vida e da morte.

Aquela luz e aquela energia eram mais do que apenas homenagens — eram um lembrete da grande responsabilidade que Yuuki carregava. Ele sabia que as almas dos que caíram não podiam ser em vão. Agora, mais do que nunca, Yuuki estava decidido a seguir em frente, não apenas por si, mas por todos aqueles que confiaram nele e na humanidade.

Quando a luz começou a se acalmar, Yuuki finalmente se levantou, determinado. Caminhou até o centro da sala e, diante do altar, viu um pequeno papel rabiscado logo abaixo das instruções da última rodada. Ele se abaixou para pegá-lo e, com um toque de surpresa, percebeu que era a caligrafia de Deluxe. Era como se Deluxe já

soubesse que não estaria ali para guiá-lo pessoalmente, e havia deixado o nome do próximo lutador para enfrentar Kai.

Yuuki, com o papel nas mãos, leu o nome e a Völund do escolhido. Ele respirou fundo, consciente da importância daquela escolha. O confronto seguinte seria decisivo. Não havia mais espaço para hesitações. Ele agora carregava o peso de todas as almas perdidas e a esperança de todos os que ainda lutavam pela vitória da humanidade.

Yuuki ficou chocado ao ler o nome que Deluxe havia deixado no papel. "Kai!" Estava escrito com uma clareza perturbadora. O próximo oponente da humanidade seria o próprio Kai, um dos mais temíveis adversários que já se apresentaram. A surpresa tomou conta de Yuuki, mas ele rapidamente entendeu o significado daquele nome ali. Deluxe havia antecipado que a luta final da sétima rodada seria a mais crítica e, por isso, havia escolhido a única figura que poderia contrapor um deus de tamanha magnitude: Sate, a Cópia Divina.

Sate não era um humano comum. Ele foi o primeiro guerreiro da humanidade, criado à imagem e semelhança das divindades. Forjado em eras antigas, quando a humanidade ainda estava no início de sua jornada, ele havia sido desenvolvido pelos próprios deuses para defender os mortais de ameaças divinas. No entanto, Sate, apesar de possuir um poder impressionante, era mortal, diferente dos seres que o criaram. Mas sua verdadeira força vinha do fato de que ele era o contrapeso perfeito para os deuses, um verdadeiro "counter" dos seres divinos.

Deluxe sabia que Sate era a chave para enfrentar Kai. Como uma cópia das divindades, Sate possuía todas as habilidades necessárias para combater qualquer deus em pé de igualdade. Ele não era apenas um guerreiro mortal; ele era a representação máxima da defesa da humanidade contra as forças divinas.

— Sate... o verdadeiro defensor da humanidade. — Yuuki murmurou para si, enquanto os ecos da estátua ainda pulsavam energia pela sala.

Mortal e Divino

21.

A arena estava fervendo de expectativa enquanto Dum, o Mensageiro Divino, subia ao centro para anunciar a sétima luta. Sua postura imponente e sua voz ecoaram com entusiasmo:

— Senhoras e senhores! Deuses e mortais! Agora chegamos ao ponto culminante deste torneio! A sétima luta, onde o destino da humanidade se aproxima de seu desfe—

Uma pedra voou do público, acertando Dum bem na cabeça, interrompendo sua grandiosa fala. Um silêncio chocante se seguiu enquanto Dum cambaleava por um segundo, incrédulo. Seus olhos, que brilharam de irritação, vasculharam a multidão, e então um humano se levantou e gritou:

— CALA A BOCA E COMEÇA LOGO A LUTA! PARA DE ENROLAR!

A plateia explodiu em risadas abafadas, enquanto Dum, visivelmente indignado, segurava sua cabeça, tentando manter a compostura. Ele se virou para o humano insolente, seu semblante mais irritado do que nunca.

— Você ousa jogar uma pedra em mim, um Mensageiro Divino?! — Dum bradou, seus olhos faiscando com energia celestial. — Vocês, humanos, estão à beira da extinção, e ainda assim têm a audácia de me provocar?!

O público ficou em silêncio, e Dum, elevando-se com toda a sua majestade, continuou:

— Deixe-me lembrar a todos vocês que Mensageiros Divinos não são apenas portadores de notícias! Nossas palavras e nossa energia carregam um poder imenso, divino e celestial! Poderíamos obliterar mortais com um simples toque, então é melhor que não me provoquem novamente!

O público ficou em silêncio, com alguns desviando o olhar, envergonhados, e outros ainda contendo risadas. Dum, respirando fundo, recuperou sua postura altiva e concluiu, com um toque de sarcasmo na voz:

— Agora, se todos estiverem prontos, e ninguém mais quiser arremessar nada, vamos dar início ao que todos estavam esperando... A SÉTIMA LUTA!

O murmúrio na arena diminuiu enquanto a tensão voltava a crescer.

Quando Dum finalmente anunciou a luta, a arena começou a se transformar diante dos olhos de todos. O chão de pedra e terra foi rapidamente substituído por concreto, e os espectadores observaram, espantados, enquanto arranha-céus surgiam ao redor deles, subindo rapidamente em direção ao céu. Em questão de segundos, uma metrópole moderna tomou forma, com um cenário que lembrava a vibrante cidade de Tóquio.

As luzes de neon brilhavam intensamente em uma paleta de cores vivas — rosa, roxo, azul e verde — refletindo nas superfícies espelhadas dos prédios. Outdoors eletrônicos exibiam anúncios em japonês, e uma estação de metrô podia ser vista ao fundo, com o som do trem vindo ao longe, cortando a atmosfera densa de expectativa. Carros estavam parados ao longo das avenidas, como se a cidade estivesse congelada em um momento entre o caos e a calma.

As ruas largas e movimentadas, as vitrines iluminadas com letreiros vibrantes, e os telões que cobriam os edifícios traziam à arena um ar surreal, quase como se tivessem sido transportados para a capital do Japão. Mesmo no meio de uma batalha mortal, a cidade parecia viva, com um pulso próprio, embora não houvesse uma única alma além dos combatentes.

O cenário era grandioso e intimidador, com a tecnologia futurista dominando o horizonte, criando um palco perfeito para o confronto entre mortais e deuses.

Dum, ainda recuperando-se da interrupção anterior, ergue a voz com uma intensidade formidável, cheia de gravidade e pompa, enquanto a atmosfera ao redor parece ficar ainda mais densa. Ele gesticula dramaticamente para o céu, onde nuvens escuras começam a se formar, criando uma aura de mistério e poder absoluto. O público, tanto os humanos quanto os deuses, permanece em um silêncio de expectativa.

— Senhoras e senhores, divindades e mortais! Preparam-se, pois agora se ergue diante de nós aquele que está além de qualquer comparação! O líder incontestável dos deuses, o portador de um poder que transcende a compreensão mortal!

Enquanto Dum fala, as luzes de neon na cidade piscam e tremulam, como se o próprio ambiente estivesse reagindo à presença que logo se manifestaria.

— Aquele cujo domínio é infinito, cuja força é indomável. O ser que carrega consigo o peso da Imensidão Púrpura, um poder divino capaz de subjugar até as estrelas! O mais forte de todos os deuses ao lado de Kursh... mas, neste momento, não existe igual. Ele é o Intocável... Ele é Kai!

Com o último nome pronunciado, a figura de Kai surge, envolta em uma névoa púrpura, seu olhar severo e distante, enquanto sua presença faz o próprio ar vibrar.

Cada passo que ele dá ecoa como um vazio, e a energia ao seu redor parece dobrar a própria luz, tornando-o quase uma miragem, inalcançável para os mortais.

A arena treme com sua presença, e os deuses, mesmo na sua divindade, sentem um profundo respeito misturado com apreensão.

Enquanto Kai atravessa a arena, o público divino reage com uma mistura de aplausos e olhares de reprovação. Alguns seres divinos, talvez incomodados pelo fato de Kai ser indiscutivelmente o mais forte, murmuram entre si com desgosto. A tensão no ar é palpável, especialmente entre os mortais, que permanecem em silêncio absoluto.

Após testemunharem a esmagadora presença de Kursh na luta anterior, era difícil conceber que qualquer coisa pudesse superá-la. Contudo, ao observar Kai, havia algo ainda mais intimidador, algo profundamente vazio, como se ele representasse um poder além do imaginável.

Nas arquibancadas dos deuses, uma leve risada ecoa. Hope, com um sorriso confiante, observa Kai fazer sua entrada triunfal.

— Então ele finalmente vai lutar? Bem, mais um ponto para nós pelo visto — comenta, com desdém.

Yuna, com seu olhar sempre sereno, imediatamente rebate.

— Não seja tão prepotente. Você nem sabe quem é o lutador dos humanos.

Hope encolhe os ombros e responde, com um sorriso presunçoso:

— Não há ninguém como Kai, mesmo que você não queira admitir. Eu mesmo não aceitava isso no início, mas quando vi o que ele pode fazer, percebi que ele é simplesmente... divino.

Yuna suspira, cruzando os braços.

— De fato. Mas é bom enxergarmos essa luta de uma perspectiva mais ampla, não acha? Não podemos julgar só pelo que vemos.

Hope ri, com um ar de superioridade.

— Pense como quiser. Mas pontos de vista não mudam a realidade dos fatos.

Antes que Yuna pudesse retrucar, Kursh, ainda radiante após sua vitória, aparece ao lado de Shadow, segurando várias garrafas de vinho nas mãos. Sua risada ecoa pelo espaço enquanto ela caminha despreocupada.

— A luta vai começar já? Só passaram uns cinco minutos desde que a minha terminou! — comenta Kursh, surpresa.

Shadow, sempre analítico, olha ao redor com um olhar pensativo.

— Hmm, isso é estranho. Geralmente, há um intervalo de pelo menos vinte minutos entre as lutas.

Kursh abaixa o olhar para a arena e franze a testa ao ver uma figura familiar.

— Shadow... eu posso estar louca ou talvez bêbada depois de três garrafas... mas eu tô vendo um cara igualzinho ao Kai na arena.

Shadow suspira, colocando a mão na testa.

— É porque é o Kai. Se você estivesse realmente bêbada, estaria vendo o Gilgamesh.

Kursh vira-se para ele, incrédula.

— Está insinuando que ele não existe!?

Shadow, mantendo a calma, responde:

— Entenda como quiser.

Kursh, completamente indignada, junta as mãos e olha para o céu.

— ELE EXISTE E ME AMA, OK?!

Shadow, sem alterar a expressão, responde com um toque de sarcasmo.

— Claro, claro. E eu sou um ouriço preto que anda com uma arma de fogo.

Kursh, visivelmente emocionada, ignora o sarcasmo e começa a "orar" de forma exagerada.

— Ó Gilgamesh, não escute ele, ele não sabe o que fala!

Shadow suspira profundamente.

— VOCÊ É UMA DEUSA, KURSH-SAMA! NÃO TEM COMO ORAR PRA OUTRA DIVINDADE!

— ELE É UMA EXCEÇÃO! ELE ESTÁ ALÉM DO DIVINO! — responde Kursh com convicção.

— Acho que você perdeu o foco da conversa, Kursh-sama.

— Ah é... Por que o Kai decidiu lutar agora? Achei que ele lutaria nas últimas.

— Deve ser alguma estratégia do Kai... ou uma estratégia dos mortais que o forçou a lutar, talvez. — Shadow refletiu.

A conversa é interrompida bruscamente por Dum, que, recuperado da distração anterior, ergue a voz para anunciar o próximo lutador do lado dos humanos.

A plateia cai em um silêncio curioso, aguardando o nome do oponente de Kai.

Dum, agora recuperado de sua indignação e retomando sua postura grandiosa, ergue a mão e sua voz ecoa com autoridade por toda a arena.

— E agora, mortais e imortais, preparem-se para testemunhar o próximo lutador da humanidade! — A tensão se acumula enquanto ele faz uma pausa dramática, deixando o suspense crescer. — Do lado da humanidade, aquele cuja lenda transcende os limites do próprio X... aquele que foi criado à imagem e semelhança dos próprios deuses... um ser sem igual, o reflexo perfeito do poder divino. A Cópia Divina, o único mortal capaz de rivalizar com os deuses sem o auxílio de uma arma sagrada!

A plateia, antes silenciosa, agora murmura em curiosidade e antecipação. Dum sorri ao sentir a tensão aumentar.

— Ele é o portador do Reflexo Celestial, o mortal que desafia o próprio destino...
SATE!!!

Um brilho intenso envolve a entrada da arena, e da luz surge Sate. Sua figura era imponente, não por sua estatura ou aparência física, mas pela aura única que emanava. Seu corpo mortal parecia perfeitamente esculpido, sua pele brilhava como se fosse feita de mármore divino. Seus olhos refletem a luz da arena com um brilho celestial, e sua presença, embora humana, carregava uma serenidade que pertencia a seres além dos mortais.

A aura ao redor de Sate faz com que todos prendam a respiração. Deuses e humanos o observam, alguns com admiração, outros com um leve temor. Ele era, afinal, a réplica perfeita, a criação que rivalizava com os próprios deuses. Sem precisar de uma arma divina, ele era capaz de enfrentar até o mais poderoso dos imortais.

Hope, que antes ria confiante, agora observa Sate com uma expressão séria.

— Então, é esse o oponente...?

Yuna, que permanecia calma, apenas balança a cabeça.

— Eu te avisei. Há mais nessa luta do que você imagina.

Enquanto Sate caminha para o centro da arena, ele levanta o olhar e encontra Kai do outro lado. Não havia arrogância em seus olhos, apenas determinação e uma aceitação silenciosa do que estava por vir.

A batalha entre o líder dos deuses e a réplica divina estava prestes a começar.

Do meio dos prédios altos da arena, uma figura translúcida e espectral salta de um dos telhados, deslizando suavemente até o chão. A figura fantasmagórica era Darius, o mais jovem dos 13 fantasmas exilados, com uma expressão cheia de determinação. Ao aterrissar na frente de Sate, Darius parecia empolgado, cheio de energia, mesmo para um espírito.

— Eu serei sua Völund, Sate! — Darius anuncia com entusiasmo, sua voz ecoando com um leve tremor espectral. — Comigo ao seu lado, você terá o poder necessário para vencer esse deus. Estou pronto para me transformar na arma que você precisa!

Sate, no entanto, permanece completamente inexpressivo, olhando para Darius com seus olhos frios e vazios, como se estivesse entediado.

— Não preciso de uma Völund. — Sate responde, sua voz monótona e sem emoção.

Darius pisca, confuso por um momento, mas rapidamente retoma seu entusiasmo.

— Mas... todos os mortais têm uma! Sem uma Völund, como você vai enfrentar Kai? Ele é o líder dos deuses, o mais poderoso de todos! Você precisa de uma arma divina para lutar contra ele!

Sate o encara por mais alguns segundos, antes de responder calmamente.

— Não preciso de uma Völund. Eu sou suficiente.

Darius hesita, sua confiança momentaneamente abalada, mas ele insiste.

— Mas uma Völund aumenta suas chances! Comigo, você poderia... poderia até superá-lo! Eu sei que sou o mais novo dos fantasmas, mas ainda sou forte! E você não vai conseguir sem uma arma adequada...

Sate não se move, não faz nenhum gesto, apenas responde novamente, com a mesma indiferença.

— Não preciso de uma Völund.

Darius, agora visivelmente desconcertado, tenta novamente.

— Mas... mas... e se Kai te atacar com uma técnica divina? Com uma Völund, você pode bloquear, contra-atacar, até superá-lo! Eu posso ser qualquer arma, qualquer coisa que você precisar! Você não pode simplesmente...

— Não preciso de uma Völund. — Sate interrompe mais uma vez, sua voz firme, sem traço de dúvida ou emoção.

Darius, agora sem argumentos, abre a boca para falar, mas nada sai. Ele não consegue refutar Sate, que rebateu cada um de seus pontos com a mesma serenidade inabalável. Após alguns segundos de silêncio constrangedor, Darius finalmente solta um suspiro derrotado.

— Tá... tá bom... — ele murmura. — Mas... se você mudar de ideia, eu estarei aqui!

— Darius cruza os braços, claramente frustrado, mas determinado a não desistir completamente.

Sate suspira levemente, percebendo que Darius não iria parar de insistir. Ele se vira lentamente para o fantasma e, com a mesma expressão neutra, diz:

— Se você quer tanto assim... vire qualquer coisa. Tanto faz.

Darius, ainda meio confuso e sem a resposta triunfante que esperava, olha para Sate por alguns segundos, antes de finalmente sorrir, aliviado por finalmente receber uma concessão.

— Certo! Eu... vou ser uma arma incrível! Você não vai se arrepender! — Darius diz, determinado. Mesmo que Sate não pareça empolgado, ele se prepara para se transformar, determinado a ser útil de qualquer maneira possível.

Sate observa sem muita emoção enquanto Darius, em sua insistência, se transforma em uma auréola brilhante que flutua sobre sua cabeça. Embora o poder da transformação seja algo misterioso, Sate não parece dar a menor importância. Ele mantém sua postura calma, olhando fixamente para o oponente.

Kai, por outro lado, observa Sate com uma confiança tranquila. Seu semblante é sereno, mas há uma intensidade em seus olhos. Ele sabe o quão decisivo esse combate é, tanto para os deuses quanto para a humanidade. Kai exala poder, uma aura que parece dominar o espaço ao seu redor.

Os dois lutadores se encaram no centro da arena, no cenário urbano moldado à imagem de uma cidade moderna, repleta de prédios altos e luzes de neon. A tensão na arena é palpável. Os deuses assistem com expectativa, alguns confiantes na vitória de Kai, enquanto outros observam com uma pitada de incerteza. Os humanos, por outro lado, estão em silêncio, cientes do peso dessa luta.

De um lado, Kai, o líder dos deuses, intocável e com um poder além da compreensão. Do outro, Sate, o primeiro mortal feito à imagem e semelhança dos deuses, a réplica perfeita, mas ainda assim humano. Ambos representam extremos opostos da balança cósmica.

Dum, agora totalmente recuperado de sua irritação inicial, olha para cada um dos combatentes com um brilho nos olhos. A expectativa em seu semblante é evidente enquanto ele levanta os braços.

— Que comeeece a sétima RODADAAAAA! — Dum grita com uma intensidade que faz o ar vibrar, sua voz ecoando pela arena.

O rugido da multidão segue o anúncio. Deuses e humanos observam com ansiedade enquanto o embate entre Kai e Sate, a luta que pode decidir o futuro de tudo, está prestes a começar.

Kai mantém o olhar fixo em Sate, seus olhos cheios de calma, mas com um brilho de curiosidade e respeito crescente. Sate, com sua expressão serena e inabalável, retribui o olhar sem demonstrar qualquer sinal de emoção. Em um instante, sem que ninguém na arena pudesse perceber o movimento, um impacto colossal acontece entre eles.

O chão sob os pés dos dois lutadores estremece, o ar ao redor vibra com a força do choque invisível. Nenhum deles se moveu fisicamente, mas o impacto era real, como se seus poderes colidissem de forma intangível, ou talvez estivessem se movendo tão rápido que o olho nu não podia acompanhar. As ondas de choque reverberam pela arena, sacudindo os prédios altos e o solo urbano da arena moldada. Deuses e humanos assistem em choque, incapazes de processar o que acabaram de testemunhar.

Kai, com um sorriso frio nos lábios, ergue a mão lentamente, seus olhos brilhando com uma intensidade que transparece uma confiança inabalável.

— Não vejo por que me segurar então — ele diz, com um tom gélido. Suas mãos se movem em um gesto fluido enquanto ele pronuncia: — Vácuo Abissal, 500%.

De repente, uma força colossal toma conta da arena. A distorção no ar é palpável enquanto uma onda de energia negra e roxa, pulsante e esmagadora, varre tudo ao redor de Kai. O ataque age como um vórtice, sugando e repelindo tudo ao mesmo tempo, dilacerando os prédios próximos e partindo o chão como se a própria realidade estivesse sendo rasgada. A pressão é tão intensa que até os deuses na plateia se veem forçados a erguer defesas.

Porém, no último instante, Sate desaparece, movendo-se com uma velocidade tal que parece se teleportar para logo atrás de Kai. Sem hesitar, ele o golpeia com um impacto violento, a expressão ainda inabalável, fria como gelo.

— Vácuo Abissal... 1000% — Sate diz, quase entediado, sua voz fria.

Com um movimento calculado e preciso, ele recria o mesmo ataque de Kai, mas desta vez com o dobro da potência. A energia devastadora é ainda mais esmagadora, uma força brutal que engole Kai à queima-roupa, sem dar-lhe espaço para reação. A onda o lança com uma força avassaladora, destruindo os edifícios à sua volta e rasgando o solo em uma demonstração de poder absoluto.

A arena silencia, todos observando incrédulos. Kai, o deus intocável, havia sido atingido diretamente por sua própria técnica amplificada. A terra ainda treme, enquanto os destroços continuam a cair e as construções colapsam ao redor. Mesmo diante de tamanha destruição, Sate permanece inalterado, sua expressão indiferente, como se esse fosse apenas o começo de uma luta que ainda o aguarda.

A arena inteira parece prender a respiração. O silêncio é absoluto, quebrado apenas pelo eco dos prédios tremendo à distância. Esse embate sutil, porém massivo, foi uma clara demonstração do nível de poder que esses dois seres possuíam. Algo que muitos na plateia, sejam deuses ou mortais, não estavam preparados para presenciar.

Kai, então, quebra o silêncio com uma risada curta e tranquila, passando a mão pelos cabelos.

— Hah... Isso vai me dar uma canseira — ele diz, seu tom ligeiramente divertido, mas sem perder o foco.

Sate, ainda sem mudar sua expressão inexpressiva, responde de maneira direta.

— Isso foi apenas um aquecimento. — Sua voz é tão calma quanto sua aparência, mas a certeza em suas palavras faz a arena novamente ficar tensa.

A tensão aumenta à medida que ambos se preparam para o próximo movimento. O verdadeiro confronto ainda está por vir, e todos na arena sabem que o que testemunharam agora era apenas um vislumbre do poder colossal que ambos são capazes de liberar.

Kai, com um sorriso frio nos lábios, ergue a mão lentamente, como se estivesse ponderando seus próximos movimentos. Seus olhos brilham com uma intensidade que assusta até alguns dos deuses assistindo.

— Não vejo por que me segurar então — ele diz, com uma tranquilidade cortante. Em um movimento fluido, sua voz assume um tom gélido ao proferir as palavras: — Purple Down, 500%.

Imediatamente, uma força avassaladora toma conta da arena. O ar parece se distorcer enquanto uma explosão massiva de energia púrpura envolve tudo ao redor de Kai, repelindo e atraindo ao mesmo tempo. Os prédios próximos são dilacerados pela onda de energia, e o chão se rompe como se a própria realidade estivesse sendo rasgada. A pressão é tamanha que até os deuses na plateia se veem obrigados a se proteger do impacto.

Porém, no último segundo, Sate desaparece, movendo-se tão rápido que parece se teleportar para logo atrás de Kai. Sem hesitar, ele ataca, chocando-se contra o deus com um impacto tremendo, sua expressão ainda inabalável e fria.

— Purple Down... 1000% — Sate diz, quase como se estivesse entediado.

Com um movimento calculado, ele recria o mesmo ataque de Kai, só que com o dobro da potência. A onda de energia é ainda mais devastadora, uma força colossal que engole Kai à queima-roupa, sem chance de esquiva. O ataque o lança com uma brutalidade esmagadora, destruindo prédios inteiros, rasgando o solo da arena e arrastando os destroços com Kai sendo jogado por centenas de metros.

A arena fica em silêncio novamente, enquanto os espectadores tentam entender o que acabaram de presenciar. A figura de Kai, geralmente intocável, havia sido atingida de forma direta e violenta. A terra ao redor ainda treme, enquanto os destroços da cidade fictícia continuam a cair, os edifícios colapsando sob a força do impacto.

Mesmo diante de tal demonstração de poder, Sate permanece parado, sua expressão inalterada, como se isso fosse apenas mais um passo em sua luta.

Kai emerge dos escombros lentamente, seus movimentos pesados mas carregados de uma energia sombria. O sangue escorre pelo rosto enquanto ele ergue a cabeça, revelando um sorriso maníaco, insano. Seus cabelos bagunçados caem sobre seus olhos, ocultando parte de seu rosto, mas o brilho cruel por trás deles é impossível de esconder. Ele começa a rir, uma risada entrecortada que cresce em intensidade.

— Seu filho da p@ta... — ele diz entre risos, limpando o sangue do canto da boca com o polegar. — Usando meus truques contra mim? Hahaha! Que baixo, miserável... mas eu gosto disso! Hahaha!

Kai continua a rir, como se a dor e o golpe devastador tivessem apenas atiçado sua sede de batalha. Ele levanta o rosto, revelando um olhar que mistura excitação e ódio.

— Isso vai ser divertido... — ele rosna, o sorriso ainda estampado no rosto, seus punhos cerrados enquanto o ar ao redor dele começa a vibrar novamente com sua energia crescente. — Espero que esteja preparado, porque agora... vou quebrar você de verdade.

Sate, com seu olhar frio e inabalável, responde com uma calma cortante:

— Se empolgou rápido demais. Realmente, você é muito previsível...

Antes que pudesse terminar sua frase, Kai desaparece de sua vista, se teleportando com uma velocidade absurda para trás de Sate. Em um piscar de olhos, Kai tenta desferir um golpe mortal em seu pescoço, mas os olhos de Sate brilham intensamente. Em milésimos de segundo, ele desvia com precisão impecável, respondendo com um soco direto no queixo de Kai. O impacto é tão feroz que Kai é lançado contra um prédio, atravessando várias camadas de concreto e vidro, destruindo tudo em seu caminho.

A plateia, tanto humana quanto divina, fica boquiaberta. Ninguém conseguia acompanhar os movimentos frenéticos dos dois lutadores. Esse combate não parecia ser entre um mortal e uma divindade, mas sim de duas entidades divinas em um confronto épico.

Sate, já à frente de Kai, surge do outro lado do prédio com uma velocidade que parecia dobrar as leis da física. Quando Kai finalmente emerge dos destroços, Sate, com os dois punhos fechados, desce com força sobre o estômago de Kai. O impacto é monstruoso, lançando o deus com uma força tremenda contra o chão, gerando uma cratera colossal na cidade recriada pela arena. A terra e os destroços voam para todos os lados, enquanto uma onda de choque ressoa por todo o campo, abalando os céus e o coração de cada espectador.

A luta agora transcende o que todos acreditavam ser possível.

Kai se levanta dos escombros, limpando a poeira de seu corpo com um olhar firme, embora apenas alguns arranhões marcassem sua pele. Ele sorri de forma debochada, seus olhos brilhando com uma confiança inabalável.

— Realmente uma réplica divina, não? — ele diz com uma risada contida. — Mas no fim, ainda é apenas uma cópia.

Sate, inabalável como sempre, retribui com uma expressão fria, seus olhos penetrando diretamente a alma de Kai.

— O seu sangue está nas mãos dessa cópia. Humilhante, não? — responde Sate com uma voz calma, porém cortante. — Não era você o mais forte?

Kai estreita os olhos, seu sorriso se tornando sombrio.

— Eu percorro este caminho solitário há eras... — diz ele, sua voz carregada de uma mistura de tristeza e determinação. — E vou continuar assim depois dessa luta. Não há lugar para iguais no topo.

A tensão entre os dois aumenta, o silêncio paira por um momento, enquanto a plateia prende a respiração, observando duas forças inigualáveis se enfrentarem. Kai, mesmo ferido, parecia mais determinado do que nunca, enquanto Sate mantinha sua compostura inabalável, pronto para o próximo ataque.

Há eras, antes da criação de muitos dos deuses e muito antes dos humanos se erguerem como a raça dominante da Terra, existia Sate — o primeiro humano. Ele não foi gerado no ventre de uma mulher mortal, mas forjado pelos próprios deuses, uma réplica à imagem e semelhança do que eles acreditavam ser a perfeição. Os deuses, em sua grandiosidade, desejaram criar um ser que pudesse refletir suas próprias características divinas e, ao mesmo tempo, ser mortal. Assim nasceu Sate, o primeiro e único humano criado diretamente pelas mãos divinas, no coração do Paraíso de X.

Sate vivia no Paraíso, um reino além do tempo e da realidade, onde as divindades vagavam livres, regendo o cosmos. Ele era reverenciado como a obra-prima da criação, pois embora fosse um mortal, seu poder rivalizava com o dos deuses. Ele possuía força, velocidade, e uma habilidade sem precedentes — a capacidade de refletir qualquer ataque, qualquer poder ou habilidade que presenciasse, como um espelho impenetrável que devolvia a destruição com a mesma intensidade, ou até maior.

Esse dom, que os deuses chamaram de "Reflexo Celestial", era o que fazia de Sate uma cópia perfeita das divindades. Ele não precisava de armas divinas, não dependia de artefatos sagrados; seu próprio corpo era uma réplica do poder dos deuses. Se ele visse um deus conjurar fogo, ele poderia invocar o mesmo fogo. Se um deus dominasse o vento, ele poderia controlar o ar com a mesma maestria. Não havia limites para o que ele podia copiar e, por isso, Sate era uma ameaça potencial, embora os deuses não quisessem admitir.

Com o tempo, no entanto, essa perfeição começou a gerar desconforto. Alguns dos deuses, como Hope, viam em Sate um perigo latente, uma prova de que talvez os mortais fossem capazes de rivalizar com os próprios criadores. E a natureza solitária de Sate não ajudava. Ele não desejava interagir com os outros seres, tampouco buscava a companhia das divindades. Sua existência era marcada por uma quietude inquietante. Ele vagava pelas terras celestiais de X como uma sombra, observando, aprendendo, e refletindo os poderes ao seu redor.

Com o passar dos séculos, os deuses começaram a temer sua própria criação. Eles viam em Sate não apenas uma cópia de si mesmos, mas um espelho de suas falhas e de suas inseguranças. Se ele podia fazer tudo o que eles faziam, qual era o propósito da divindade? Esse questionamento levou à sua queda. Um conselho divino foi realizado, e os deuses, temendo o potencial destrutivo de Sate, decidiram que ele não mais poderia habitar o Paraíso.

Sate foi expulso do reino de X, condenado a vagar pela Terra como um mortal comum. Ele foi deixado sozinho em um mundo selvagem e desconhecido, um lugar onde sua única companhia era o vento e as estrelas. Mas Sate não lamentou sua queda. Ao contrário de muitos que teriam sucumbido ao desespero, ele aceitou seu destino com a mesma quietude que sempre o caracterizou.

Ao caminhar pela Terra, Sate assistiu ao surgimento da humanidade. Ele viu as primeiras civilizações se erguerem e caírem, e embora soubesse que era semelhante a eles, jamais se misturou aos homens. Ele era um reflexo, um espelho da divindade, e tal poder o mantinha afastado dos outros mortais. Sate vagava em silêncio, observando, aprendendo, mas sempre sozinho.

Embora os deuses o tivessem banido, não podiam retirar dele seu poder. Mesmo na Terra, o "Reflexo Celestial" continuava a ser parte de sua essência. Ele podia observar qualquer habilidade e a replicar com perfeição divina. Contudo, Sate não se interessava em usar seu poder para dominar ou destruir. Ele vivia com um propósito desconhecido, mantendo-se distante de tudo, como se aguardasse o momento em que seu poder finalmente seria necessário.

Por milênios, Sate caminhou na Terra, testemunhando as lutas dos homens, o surgimento de reis, imperadores e guerreiros. Ele se tornou uma lenda, um mito que poucos ousavam acreditar. Alguns o chamavam de o "Humano Divino", outros, de "O Reflexo dos Deuses", mas para Sate, esses títulos não tinham importância.

Seu poder, o Reflexo Celestial, não era apenas uma habilidade de copiar movimentos ou poderes. Era a habilidade de entender a essência de qualquer coisa que ele presenciasse e a transformar em sua própria arma. Se visse a fúria de um deus canalizada em um ataque, ele poderia responder com o mesmo golpe, mas potencializado pela serenidade e precisão de um mortal. Ele não se exauria ou se

enfraquecia com o uso repetido de suas habilidades, pois sua força vinha da quietude interior, da aceitação de sua solidão e de sua condição única no mundo.

E agora, depois de milênios, ele se encontrava na arena, diante de Kai, o mais poderoso dos deuses. Não havia emoção em seus olhos, apenas a quietude de alguém que já havia visto e refletido todo o poder divino que o universo tinha a oferecer. Para Sate, essa era apenas mais uma luta, um teste para sua própria existência.

O reflexo perfeito de um deus contra a própria divindade em carne e osso.

Kai, ainda se recuperando do impacto da luta, olhou para Sate, seu semblante refletindo um misto de respeito e ceticismo. O silêncio entre eles parecia pesado, carregado de significado. Finalmente, Kai quebrou o silêncio com uma voz que reverberava como se ecoasse de longe.

— Você realmente entende o que significa estar no topo, não é? — disse ele, sua voz calma, mas com uma gravidade palpável. — Ser o mais forte não é uma escolha; é um fardo que o destino me impôs. Viver à sombra da solidão e da responsabilidade é algo que poucos compreendem.

Sate, em sua habitual postura impassível, observou Kai com uma curiosidade silenciosa. Após um momento, respondeu, sua voz serena como um rio tranquilo.

— A solidez da sua força é admirável, mas você sabe que essa solidão que carrega é resultado da sua própria escolha. A busca incessante pela força te afastou, não foi? É uma existência de poder, mas também de isolamento.

Kai soltou uma risada suave, mas seu olhar era profundo, refletindo a complexidade de seus sentimentos.

— Não se trata apenas de poder. É um compromisso com o que sou. A força não é apenas uma vantagem; é uma responsabilidade. Enquanto outros se afundam em

suas fraquezas, eu me recuso a me deixar levar. Essa solidão é um preço que estou disposto a pagar.

Sate inclinou a cabeça, absorvendo as palavras.

— Você pode ver isso como um preço justo, mas não acha que a verdadeira força reside em encontrar um equilíbrio? Você luta e vence, mas o que isso te traz, além do vazio?

Kai permaneceu em silêncio por um momento, como se ponderasse a pergunta.

Então, falou com um tom mais reflexivo.

— Para muitos, a força é uma corrida sem fim. No entanto, eu vejo o combate como uma forma de me conectar com o mundo, mesmo que indiretamente. A luta é uma conversa entre seres, onde o silêncio da solidão se torna um diálogo.

Sate franziu a testa, sua expressão inalterada, mas sua mente trabalhava para compreender o que Kai tentava expressar.

— Então você está dizendo que a solidão é uma forma de se conectar com o mundo? Isso é uma perspectiva interessante, mas não te parece triste? Como se você estivesse evitando o que realmente importa para seguir um caminho que é, em última análise, solitário?

Kai, sem hesitar, replicou.

— Não é que eu evite a conexão. Eu apenas a vejo de maneira diferente. A força que carrego me afasta, sim, mas também me dá uma clareza que poucos têm. A realidade é que, mesmo entre os mais fortes, muitos não conseguem ver além de suas próprias limitações.

Sate, percebendo a complexidade das palavras de Kai, olhou fixamente para ele.

— A luta entre nós não é apenas um teste de força, mas também um teste de convicções. Cada golpe que trocamos é uma conversa sobre o que somos e sobre o que realmente buscamos.

Kai sorriu levemente, como se apreciasse o desafio.

— Exatamente. E talvez, ao final, a resposta que buscamos não seja sobre quem é o mais forte, mas sim sobre como nossas escolhas moldam quem somos. Essa luta, por mais intensa que seja, é uma forma de explorar essas verdades.

Sate, em resposta, acenou lentamente com a cabeça, reconhecendo a profundidade da jornada que ambos estavam prestes a empreender. Com isso, ambos se prepararam para o próximo embate, não apenas como adversários, mas como seres que buscavam entender a essência da força e da solidão.

o entanto, Kai conseguiu bloqueá-los e respondeu com um chute poderoso que Sate conseguiu absorver com uma rotação de seu corpo.

Num instante, Kai se afastou, dando um salto para trás. Com um olhar calculado, ele apontou seu dedo indicador para Sate, como se fosse uma arma.

— Proporção... — anunciou Kai, sua voz ecoando com uma reverberação poderosa. Uma esfera de energia roxa começou a surgir na ponta de seu dedo, pulsando com força.

Em um movimento ágil, Kai se teleportou para trás de Sate, e diversas cópias de si mesmo surgiram ao seu redor, cada uma com a mesma postura ameaçadora.

— ...roxa! — completou, e todas as cópias dispararam em direção a Sate, as esferas de energia cortando o ar como projéteis mortais.

A explosão foi colossal. Quando as esferas de energia roxa atingiram o chão, uma nuvem de fumaça e poeira subiu, ofuscando a visão por um momento. A plateia prendeu a respiração, a expectativa era palpável.

Entre a fumaça da explosão, uma figura emergiu. Sate, com os braços cruzados na frente do corpo, conseguira se defender, sua postura firme. O dano foi mínimo, mas o impacto das esferas o fez recuar um pouco. Ele observou a fumaça se dissipar, seus olhos brilhando com determinação, enquanto se preparava para o próximo movimento.

Kai, ao longe, sorriu ao ver Sate se recompondo. Ele se preparou para atacar novamente, a batalha estava longe de acabar e a intensidade só aumentaria. A cidade, agora um campo de batalha, estava pronta para testemunhar o que viria a seguir.

Kai mal teve tempo de recuperar a postura após o impacto inicial, quando, de repente, Sate murmurou em um tom quase imperceptível:

— Proporção...

Num piscar de olhos, Sate disparou em direção a Kai, sua velocidade superando qualquer expectativa. Ele se movia como um borrão, surgindo atrás de Kai, que mal conseguiu reagir.

Sate continuou a frase, sua voz agora ressoando com um poder impressionante.

— ...Roxa!

A energia tomou forma novamente, mas desta vez, sua potência foi duplicada. Duas esferas de energia roxa surgiram, girando em torno de Sate, pulsando com uma força avassaladora. As cópias de Sate se formaram ao seu lado, cada uma segurando uma esfera similar.

No instante seguinte, as esferas foram lançadas em direção a Kai, criando um espetáculo ofuscante. A explosão foi duas vezes maior do que antes, um estrondo ensurdecedor que sacudiu a cidade.

Kai foi lançado para o alto, como um projétil, consciente, mas ferido gravemente. Seu corpo cortou o ar, e ele pôde sentir cada músculo se queimar pela força do ataque. Ele girou em meio ao espaço, tentando se estabilizar, a visão embaçada pela fumaça e pela luz pulsante das explosões.

O impacto havia causado um rastro de destruição ao redor, prédios desmoronados e crateras profundas se formando no chão. A plateia assistia em choque, a tensão palpável no ar, enquanto a luta entre Sate e Kai se tornava uma lenda em tempo real.

Com dificuldade, Kai se recuperou no ar, sua expressão era de dor, mas seus olhos refletiam um desafio constante. Ele começou a cair lentamente, mas não estava derrotado. O espírito de luta ardia dentro dele, e, mesmo ferido, ele não se renderia tão facilmente.

Sate, agora de pé, observava a descida de Kai com um olhar firme e decidido, pronto para o próximo movimento. A luta estava longe de terminar, e ambos sabiam que cada golpe a partir dali seria crucial.

No instante em que Kai começou a cair, Sate não deu tempo para que ele se recuperasse. Com um movimento ágil e explosivo, Sate surgiu ao lado de Kai, como um espectro em um ataque devastador. Ambos estavam agora em plena queda, e a luta ganhava uma nova dimensão.

Sate lançou um soco poderoso em direção a Kai, que desviou habilidosamente, o movimento fluindo como uma dança no ar. Kai, utilizando sua velocidade, contra-atacou com um golpe ascendente, mas Sate se esquivou, executando um giro e atacando com um chute que passou raspando pelo rosto de Kai.

Ambos estavam em um embate aéreo, onde os socos e chutes eram trocados como se o tempo tivesse desacelerado. Cada golpe era uma mistura de força bruta e precisão; os punhos cortavam o ar com um som sibilante, enquanto as pernas se moviam com agilidade impressionante. Eles se esquivavam e atacavam em um ritmo frenético, uma coreografia meticulosamente coreografada entre dois titãs.

Enquanto a luta progredia, os dois começaram a se aproximar de um dos prédios em ruínas. Kai, em uma manobra ousada, se lançou contra a parede do edifício, impulsionando-se para ganhar altura. Ele usou a estrutura como uma plataforma, saltando e girando no ar para desferir um poderoso chute descendente em Sate.

Sate, no entanto, estava pronto. Ele se moveu para o lado, desviando do ataque e, em um movimento rápido, agarrou o pé de Kai, puxando-o e fazendo-o girar no ar, antes de lançar um soco direto em seu abdômen. O impacto foi tão forte que Kai foi empurrado para trás, mas, em vez de se afastar, ele se apoiou em um pedaço de estrutura caída, recuperando-se rapidamente.

Eles estavam agora lutando perto da borda do prédio, com os braços e pernas entrelaçados em uma dança mortal. Kai socou, e Sate desviou, mas não sem responder com uma sequência rápida de jabs que atingiam Kai em sua lateral. O impacto ressoava, ecoando pelas ruas abaixo, enquanto eles continuavam a se atacar em uma batalha que desafiava a gravidade.

Finalmente, Sate saltou, buscando uma vantagem. Ele girou no ar, criando uma onda de energia ao seu redor, enquanto Kai se preparava para reagir. No momento em que Sate caiu, ele desferiu uma série de socos que enviaram Kai girando para trás, desmoronando uma parte do prédio com seu impacto.

A plateia estava em êxtase, enquanto os dois lutadores pareciam se fundir com a própria essência da batalha, transformando a cidade em um campo de guerra. Cada soco e cada movimento eram carregados com a determinação de dois guerreiros que

não se renderiam até que um deles estivesse de pé. O ar estava eletrificado com a tensão da luta, enquanto eles se moviam como deuses em uma dança caótica, cada um buscando a vitória de forma absoluta.

A tensão na arena se intensificou quando Kai, com um olhar calculado, fez um movimento brusco, aguardando que Sate o imitasse. Sate, sempre em sintonia com seu oponente, não hesitou e replicou o movimento quase que automaticamente. Mas, como um jogador de xadrez antecipando cada jogada, Kai mudou a direção de seu ataque no último segundo. Sate fez o mesmo, e seus golpes colidiram com uma força estrondosa, enviando-os para trás, afastando-os um do outro.

Kai não perdeu tempo e partiu para a ofensiva novamente, a energia roxa girando em sua mão.

Proporção! ele gritou, liberando um ataque devastador.

Contudo, Sate estava preparado. A auréola em sua cabeça brilhou intensamente, como um escudo protetor, reforçando sua defesa e adaptando-se instantaneamente ao ataque.

Darius, observando tudo de sua posição, não pôde deixar de comentar:

— E aí? Sou útil, não?

Sate lançou um olhar para Darius, mantendo a seriedade em seu rosto, mas um leve sorriso se formou em seus lábios.

— Pois é. Você está se saindo bem.

Darius, o mais novo dos 13 fantasmas exilados, carrega uma história marcada por inocência e tragédia. Sempre foi um ser divino em X, conhecido por sua força e habilidades excepcionais, mas também por sua busca por reconhecimento. Em um

mundo onde os deuses eram venerados e respeitados, Darius ansiava por um lugar entre eles, desejando desesperadamente impressionar seus pares e provar seu valor.

Em sua busca por validação, ele se envolveu em um plano ousado para conquistar um artefato lendário que prometia amplificar seus poderes e, assim, chamar a atenção dos deuses. Movido por suas intenções puras, Darius acreditava que, se pudesse demonstrar sua força, finalmente ganharia o respeito que tanto almejava.

Contudo, a busca por reconhecimento o levou a uma batalha épica, onde, em um momento de fraqueza, ele se deixou influenciar por promessas de poder absoluto. Em vez de agir com cautela, Darius tomou decisões precipitadas, sem perceber as consequências devastadoras que suas ações trariam. Durante a batalha, suas intenções foram mal interpretadas, e, ao tentar provar seu valor, ele acabou desencadeando uma catástrofe que resultou na destruição de seus companheiros e na ira dos deuses.

Como punição, os deuses decidiram exilar Darius, transformando-o em um espírito errante. Seu corpo foi destruído, e sua alma, marcada por arrependimento e culpa, ficou presa em uma forma que refletia sua busca desesperada por aceitação e reconhecimento. Tornando-se um dos 13 fantasmas, Darius viu sua inocência se perder em meio ao peso de suas falhas.

Agora, como a auréola que orbita a cabeça de Sate, Darius busca se redimir. Ele ainda carrega a esperança de que, ao lado de Sate, poderá finalmente encontrar um caminho para a absolvição e, quem sabe, um dia ser libertado de seu exílio, mostrando aos deuses que seu valor não estava apenas em sua força, mas na humildade de reconhecer seus erros e aprender com eles.

A relação entre Darius e Kai sempre foi marcada por um profundo respeito e admiração mútua. Desde o início, Darius via em Kai um modelo a ser seguido, não apenas por sua força, mas também por sua sabedoria e a maneira como lidava com as complexidades do mundo divino. Darius desejava ardentemente impressionar Kai,

acreditando que, ao conquistar sua aprovação, finalmente encontraria o reconhecimento que tanto ansiava entre os deuses. Ele admirava a maneira como Kai equilibrava poder e responsabilidade, algo que ele queria emular em sua própria vida.

No entanto, a admiração de Darius por Kai também se transformou em um fardo. Ele se sentia pressionado a superar constantemente as expectativas que havia colocado sobre si mesmo, e sua busca por validação o levou a decisões impetuosas. Em sua ânsia de provar seu valor, Darius se aventurou em caminhos arriscados e arriscados, culminando em um momento trágico de fraqueza. Durante uma batalha em que os dois estavam envolvidos, Darius, em sua busca por poder e reconhecimento, tomou uma ação precipitada, acreditando que impressionaria Kai.

Infelizmente, essa ação teve consequências devastadoras. O ataque de Darius, destinado a ser um triunfo, resultou em um desastre que causou a morte de aliados e despertou a ira dos deuses. Kai, que estava ao seu lado, viu-se forçado a intervir, mas sua tentativa de salvar Darius acabou em tragédia. Com um golpe não intencional, foi pelas mãos de Kai que Darius encontrou seu destino, sendo transformado em um espírito exilado.

Essa reviravolta deixou uma marca profunda em Kai, que carregou o peso da culpa e da perda. A relação que antes era de admiração agora estava entrelaçada com a dor de saber que, em sua tentativa de proteger e guiar Darius, ele se tornou o agente de sua queda. Darius, por sua vez, enquanto espírito, anseia por reconciliação e busca formas de se redimir, esperando que, um dia, possa restaurar não apenas sua própria honra, mas também a de Kai, provando que o valor verdadeiro vai além da força e do reconhecimento. Essa complexa dinâmica de amizade, culpa e anseio por redenção se transforma em um tema central na história de ambos, levando-os a confrontar não apenas seus próprios demônios, mas também o impacto que tiveram um sobre o outro.

Darius, com a determinação ardendo em seu olhar etéreo, se volta para Sate e declara:

— Vamos vencer!

A sinceridade em suas palavras é palpável, um eco de sua busca incessante por reconhecimento. Sate retribui o olhar com um sorriso enigmático e responde:

— Você está ganhando meu respeito, fantasma. Vamos vencer!

A conexão entre os dois parece ressoar em harmonia, um vínculo forjado na adversidade e na ambição compartilhada.

Enquanto isso, Kai observa a interação com um semblante vazio, sua expressão impassível mascarando a tempestade de pensamentos que se agita em sua mente. Ele vê, nas palavras e no entusiasmo de Darius, um reflexo de si mesmo em um passado distante — um eco do que uma vez foi. O Intocável, o abençoado, era apenas uma fachada, uma imagem que ele havia construído ao longo dos séculos para esconder as cicatrizes da solidão e da responsabilidade que carregava.

Kai se pergunta se a verdadeira força reside na capacidade de inspirar outros ou na solidão que vem com a invulnerabilidade. Ele se lembra de momentos em que também buscou aprovação, onde a necessidade de ser visto como mais do que um mero poderoso o impulsionou a cometer erros que poderiam ter sido evitados. O olhar de Darius, cheio de esperança e determinação, provoca uma onda de nostalgia e empatia dentro dele. É a inocência que Kai uma vez teve, agora perdida em um mar de obrigações e expectativas.

Imensidão Púrpura

22.

Um tilintar de sino ressoou pela arena, sua sonoridade ecoando como um chamado distante. Yuna, sentada em uma das bordas, levantou-se e começou a se afastar, sua expressão contemplativa. Hope a observou com um olhar curioso e perguntou:

— Aonde você vai?

— Vou dar uma volta — respondeu Yuna, seu tom tranquilo contrastando com a intensidade do combate ao redor. — É maçante ver os outros usando a violência.

Hope arqueou uma sobrancelha, como se não estivesse convencida.

— No fundo, você sabe que gosta de ver os outros se matando. Essa gentileza não é tão sutil assim.

Yuna parou por um momento, olhando nos olhos de Hope, como se ponderasse suas palavras, mas logo decidiu se retirar, deixando para trás uma atmosfera de reflexão.

Kursh, que assistia a tudo com uma expressão apreensiva, mantinha sua fé em Kai.

— Ele vai ganhar — murmurou para si mesma, tentando se convencer de que a confiança no seu aliado era o que realmente importava.

Enquanto isso, Shadow, que também observava a cena, fez uma pergunta retórica:

— Por que não colocaram o Sate contra você? Seria muito mais eficaz. E o Imperador teria mais chances de durar mais contra o Kai.

Kursh respondeu, confusa:

— Não tenho ideia. Talvez eles achem que a luta entre Kai e Sate precisa ser mais simbólica do que estratégica.

Shadow balançou a cabeça, considerando as implicações da luta, mas a incerteza pairava no ar, como um prenúncio do que estava por vir.

Kai suspirava lentamente, um ar de determinação cercando-o. Ele fez um símbolo com a mão, e uma aura roxa densa começou a tomar conta de seu ser. Seu cabelo, antes desordenado, se levantou com a energia que emanava dele, adquirindo um tom lilás vibrante, enquanto seus olhos se tornaram como duas ametistas, brilhando intensamente. Kai havia elevado seu corpo, preparando-se para efetuar a Imensidão Púrpura.

Sate observou a transformação com uma expressão apática, como se nada daquela exibição o impressionasse. Ao seu lado, Darius, intrigado e preocupado, perguntou:

— O que ele está fazendo?

Sate virou-se ligeiramente para Darius e respondeu, sem desviar o olhar de Kai:

— Coisa boa não é.

Com um movimento ágil, Sate entrou em guarda, seu corpo se posicionando em prontidão. Kai, agora completamente sério e focado, não exibia mais o sorriso confiante que tinha antes. A tensão na arena cresceu, como se o ar estivesse carregado de eletricidade, ambos os lutadores cientes de que um novo nível de poder estava prestes a ser revelado. O embate entre eles se tornaria não apenas uma luta, mas uma verdadeira demonstração da essência de suas existências.

Kai desapareceu em um flash de movimento, teleportando-se para a frente de Sate e desferindo um gancho poderoso, um golpe preciso que atingiu Sate antes mesmo que seu Reflexo Celestial pudesse se ativar. A força do impacto fez Sate ser lançado para trás, mas Kai não deu tregua. Ele seguiu junto ao corpo de Sate, continuando com uma sequência de socos rápidos e contundentes que pareciam dançar no ar, cada golpe ecoando pela arena como um trovão.

Os dois lutadores se elevaram, flutuando acima do chão, enquanto a batalha se alastrava, desafiando as leis da gravidade. Cada soco e cada chute eram meticulosamente cronometrados, uma coreografia de destruição que se desenrolava diante dos olhos atônitos da plateia. Finalmente, Kai lançou Sate com um chute potente em direção à estação de trem, atravessando estruturas e estilhaçando concreto sob a força do impacto.

Ao descer em direção à estação, Kai se preparava para seguir seu ataque, mas Sate já estava esperando. Com uma agilidade impressionante, Sate se recompôs e, antes que Kai pudesse reagir, desferiu uma chuva de socos, cada golpe aumentando em velocidade e intensidade. Em um movimento final, Sate acertou um chute poderoso que lançou Kai diretamente nos trilhos do trem.

O trem, que se aproximava rapidamente, atingiu Kai em um momento crítico, gerando uma explosão devastadora que destruiu tudo ao redor. Kai se envolveu em um campo de força, criando uma redoma de energia que não apenas protegia, mas também retaliava, fazendo com que o trem se desintegrasse em uma onda de energia devastadora.

Sate, percebendo a brecha, avançou e ativou seu Reflexo Celestial, seus olhos brilhando intensamente. Kai tentou desferir uma série de golpes, mas Sate desviou com uma facilidade sobrenatural, devolvendo cada ataque em dobro. A aureola de Sate diminuía drasticamente o dano dos golpes de Kai, mas ele não desistiu. Com um

ritmo frenético, Kai continuou a atacar, cada golpe mais forte que o anterior, rompendo a defesa de Sate e infligindo dano significativo, a adrenalina o impulsionando.

A batalha entre Sate e Kai se intensificou, e cada golpe trocado ecoava como um trovão na arena. A atmosfera estava carregada de energia e expectativa. Com uma explosão de velocidade, Sate avançou, seus movimentos fluindo como água, enquanto se esquivava de um soco poderoso de Kai, apenas para responder com um giro elegante que desferiu um golpe em diagonal. Kai se inclinou para trás, sentindo o vento do ataque passar de raspão, e em um movimento rápido, saltou para cima, elevando-se sobre Sate.

A arena parecia encolher sob a pressão da batalha. Kai lançou-se em um ataque descendente, uma mão cercada por energia roxa, como se a própria gravidade estivesse se curvando ao seu redor. Sate, antecipando-se, ergueu os braços e ativou o Reflexo Celestial, criando uma barreira de luz que absorveu a força do golpe. A energia vibrou, fazendo as ondas de choque se espalharem pela arena, enquanto Sate retaliava com um soco direto, seguido de um chute giratório.

O impacto do ataque de Sate fez Kai recuar, mas não por muito tempo. Ele se reequilibrou, saltando para trás e, em seguida, disparou em direção a Sate, seu corpo se transformando em um borrão. Ele se teletransportou, aparecendo acima de Sate e lançando uma esfera de energia roxa com um grito de "Proporção!". A esfera explodiu em uma onda de energia, mas Sate se desvencilhou, utilizando sua habilidade de adaptação, e surgiu atrás de Kai, socando-o com uma força devastadora que o lançou em direção ao céu.

Com a luta ascendente, os dois lutadores estavam agora flutuando acima da arena, cada movimento levando-os mais alto, como se estivessem desafiando os próprios limites da gravidade. Kai, determinado a não ser superado, utilizou sua velocidade e

agilidade, saltando de prédio em prédio, cada salto propulsado por uma explosão de energia. Sate o seguiu, usando sua capacidade de se teletransportar de forma instantânea, sua presença quase etérea enquanto trocavam golpes a uma altura cada vez maior.

Quando chegaram ao topo de uma das torres mais altas da cidade, a batalha se tornou ainda mais feroz. Kai se lançou em um ataque, seus punhos cercados por uma aura roxa intensa. Ele desferiu uma série de socos rápidos, enquanto Sate, com sua agilidade divina, desviava e contra-atacava com um movimento em espiral, acertando um poderoso chute que fez Kai quase perder o equilíbrio. Mas Kai se recompôs rapidamente e, usando a força do impacto, girou e lançou um poderoso golpe, seu braço se estendendo em um arco.

Os dois se encontraram no céu, a energia se acumulando ao redor deles em uma exibição de força divina. Kai se preparou para uma explosão final.

— Agora, Limbo celestial! — gritou ele, enquanto sua energia se concentrava em uma esfera massiva. Sate não hesitou; ele também começou a acumular energia, criando uma barreira de luz ao seu redor.

— Vou terminar isso! — gritou Sate, elevando a mão, e sua aura celestial brilhou intensamente.

As esferas de energia se chocaram no céu, criando uma explosão colossal que iluminou o horizonte. A luz se espalhou como raios de sol, enquanto a onda de choque varria a cidade abaixo. Ambos os lutadores foram lançados para trás, mas em um movimento sincronizado, se recompuseram e flutuaram de volta, prontos para mais um round.

A batalha prosseguiu nas alturas, com socos e chutes se cruzando em uma dança de combate que desafiava a lógica. Sate usou sua habilidade de se dividir em múltiplas

cópias, rodeando Kai, que rapidamente adaptou sua estratégia, desferindo ataques em todas as direções, enquanto as cópias de Sate atacavam simultaneamente.

A luta estava em seu clímax. Ambos os lutadores estavam exaustos, mas a determinação brilhava em seus olhos. Eles sabiam que o verdadeiro teste ainda estava por vir, e a batalha não terminaria até que um deles se erguesse como o verdadeiro campeão entre os deuses. E assim, eles continuaram a lutar, cada golpe, cada movimento levando-os a alturas cada vez maiores, desafiando os próprios limites da realidade.

Darius, observando a batalha desenrolar, percebeu a necessidade de se adaptar rapidamente a essa dinâmica. Ele começou a traçar estratégias para ajudar Sate a enfrentar essa tempestade de ataques, ciente de que a luta estava longe de terminar e que cada movimento contava.

A batalha entre Sate e Kai se intensificou, e cada golpe trocado ecoava como um trovão na arena. A atmosfera estava carregada de energia e expectativa. Com uma explosão de velocidade, Sate avançou, seus movimentos fluindo como água, enquanto se esquivava de um soco poderoso de Kai, apenas para responder com um giro elegante que desferiu um golpe em diagonal. Kai se inclinou para trás, sentindo o vento do ataque passar de raspão, e em um movimento rápido, saltou para cima, elevando-se sobre Sate.

A arena parecia encolher sob a pressão da batalha. Kai lançou-se em um ataque descendente, uma mão cercada por energia roxa, como se a própria gravidade estivesse se curvando ao seu redor. Sate, antecipando-se, ergueu os braços e ativou o Reflexo Celestial, criando uma barreira de luz que absorveu a força do golpe. A energia vibrou, fazendo as ondas de choque se espalharem pela arena, enquanto Sate retaliava com um soco direto, seguido de um chute giratório.

O impacto do ataque de Sate fez Kai recuar, mas não por muito tempo. Ele se reequilibrou, saltando para trás e, em seguida, disparou em direção a Sate, seu corpo se transformando em um borrão. Ele se teletransportou, aparecendo acima de Sate e lançando uma esfera de energia roxa com um grito:

— Proporção Roxa!

A esfera explodiu em uma onda de energia, mas Sate se desvencilhou, utilizando sua habilidade de adaptação, e surgiu atrás de Kai, socando-o com uma força devastadora que o lançou em direção ao céu.

Com a luta ascendente, os dois lutadores estavam agora flutuando acima da arena, cada movimento levando-os mais alto, como se estivessem desafiando os próprios limites da gravidade. Kai, determinado a não ser superado, utilizou sua velocidade e agilidade, saltando de prédio em prédio, cada salto propulsado por uma explosão de energia. Sate o seguiu, usando sua capacidade de se teletransportar de forma instantânea, sua presença quase etérea enquanto trocavam golpes a uma altura cada vez maior.

Quando chegaram ao topo de uma das torres mais altas da cidade, a batalha se tornou ainda mais feroz. Kai se lançou em um ataque, seus punhos cercados por uma aura roxa intensa. Ele desferiu uma série de socos rápidos, enquanto Sate, com sua agilidade divina, desviava e contra-atacava com um movimento em espiral, acertando um poderoso chute que fez Kai quase perder o equilíbrio. Mas Kai se recompôs rapidamente e, usando a força do impacto, girou e lançou um poderoso golpe, seu braço se estendendo em um arco.

Os dois se encontraram no céu, a energia se acumulando ao redor deles em uma exibição de força divina. Kai se preparou para uma explosão final.

A luz se espalhou como raios de sol, enquanto a onda de choque varria a cidade abaixo. Ambos os lutadores foram lançados para trás, mas em um movimento sincronizado, se recompuseram e flutuaram de volta, prontos para mais um round.

A batalha prosseguiu nas alturas, com socos e chutes se cruzando em uma dança de combate que desafiava a lógica. Sate usou sua habilidade de se dividir em múltiplas cópias, rodeando Kai, que rapidamente adaptou sua estratégia, desferindo ataques em todas as direções, enquanto as cópias de Sate atacavam simultaneamente.

Finalmente, após uma série de ataques rápidos e um movimento fluido, Sate utilizou um ataque especial. Ele concentrou sua energia e, em um brilho celestial, disparou um feixe de luz.

— Feixe Celestial! — gritou ele, e o feixe cortou o céu, atingindo Kai em cheio.

A luta se intensificou ainda mais, elevando-se a uma dança cósmica que desafiava as leis do movimento. Sate, percebendo que precisava acompanhar a velocidade crescente de Kai, ativou seu Reflexo Celestial novamente, sua aura brilhando intensamente, refletindo cada movimento do adversário.

Com um movimento rápido, Sate lançou-se em direção a Kai, seus punhos preparados para imitar os ataques do mais forte. A cada soco e chute que Kai desferia, Sate copiava, sua própria velocidade aumentando conforme ele se adaptava ao ritmo frenético da batalha. A arena, agora uma mera lembrança, se tornava uma imensidão azulada de nuvens e céu, como se o mundo abaixo estivesse se desfazendo.

Kai, percebendo que Sate estava se tornando um adversário digno, aumentou sua velocidade ainda mais. Ele se movia como um borrão, desferindo socos e chutes com a precisão de um relâmpago, mas cada golpe era imediatamente replicado por Sate. A pressão do combate fez com que as nuvens ao redor comesçassem a se agitar, como se a própria atmosfera estivesse sentindo a intensidade da luta.

— É impressionante como você consegue se adaptar! — Kai gritou, sua voz ecoando nas alturas.

Ele sabia que estava enfrentando um oponente excepcional, mas sua determinação não poderia ser abalada. Com um movimento rápido, ele se teleportou para o lado de Sate e lançou uma série de chutes, cada um mais rápido que o anterior. Sate, por outro lado, não hesitou em contra-atacar, sua força aumentando na mesma proporção que a velocidade de Kai.

Entretanto, quanto mais rápido Kai se tornava, mais desafiador se tornava para Sate replicar seus movimentos. Ele começou a sentir a pressão e a necessidade de se concentrar ainda mais. Cada movimento de Kai parecia uma dança de morte, um padrão quase inimitável que exigia total atenção.

— Vamos lá, Sate! Você consegue! — Kai incentivou, enquanto continuava a desferir socos em uma rápida sucessão, cada golpe mais devastador que o anterior.

Kai gritou, aparecendo atrás de Sate com uma explosão de energia roxa. Ele disparou uma onda de poder que se expandiu como um furacão, mas Sate, em um movimento instintivo, desviou-se, aproveitando a energia e se movendo em direção ao céu.

No entanto, a velocidade de Kai estava fora de controle. Ele disparou para a frente, realizando uma combinação de ataques complexos que deixaram Sate com pouco espaço para respirar. A cada soco e cada chuta, Sate sentia a necessidade de se adaptar rapidamente para não ser superado.

Sate, em um esforço final, começou a usar todo o seu treinamento. Ele se replicou em múltiplas cópias novamente, formando um círculo em torno de Kai. As cópias se lançaram em direção a ele, cada uma lançando um soco, mas Kai, em um movimento quase instintivo, começou a desviar e contra-atacar, derrubando uma cópia após a outra.

— Cópia e cola não vão te salvar, Sate! — Kai gritou, sua voz ressoando com um poder avassalador.

Com um último movimento, Sate uniu todas as suas cópias e se concentrou, tentando replicar o movimento de Kai, mas neste instante, Kai soltou um grito poderoso:

— Vácuo Abissal!

A energia roxa começou a girar em torno dele, criando um vórtice que sugou toda a luz ao redor, como se o próprio céu estivesse se curvando à sua vontade. O ataque disparou, atingindo Sate com uma força imensurável. A energia atingiu o núcleo da criação, quebrando as barreiras da realidade e se expandindo em um ataque colossal.

Sate tentou se defender, mas a força do Vácuo Abissal era demais. A explosão de energia se desdobrou como um furacão, lançando Sate para longe e o empurrando pelas nuvens. Ele se ergueu do impacto, mas estava visivelmente ferido, a aura ao seu redor tremulando com dificuldade.

“Ugh...” Sate resmungou, se levantando com dificuldade, sentindo os efeitos do ataque.

Mas mesmo em meio à dor, Sate não desistiu. Ele olhou para Kai, determinado a continuar a luta. Com uma expressão de determinação, ele começou a acumular energia novamente, pronto para fazer frente ao que estava por vir. Ele sabia que ainda havia uma chance, e estava disposto a lutar até o fim. A luta entre os dois deuses estava longe de terminar, e a batalha apenas começava a revelar seu verdadeiro potencial.

pós o impacto devastador da explosão roxa, as nuvens ao redor se dissiparam, abrindo um vazio no céu, enquanto Sate e Kai pairavam, ainda de pé, mas claramente afetados pela intensidade da luta. Mesmo com os corpos exaustos, a postura de ambos

permanecia firme, suas expressões de absoluta concentração. A adrenalina ainda corria, mas era visível que o desgaste estava presente, embora nenhum dos dois permitisse demonstrar fraqueza.

Kai, com um sorriso meio exausto, quebra o silêncio:

— A luta está ficando mais emocionante... — ele respira fundo — ...não imaginava que enfrentaria alguém assim.

Sate, com sua calma habitual, limpa uma mancha de sangue no canto da boca e o encara de volta.

— Agora eu entendo porque você é o mais forte — diz Sate, com um tom quase reflexivo. — Não é só a sua força... — Ele faz uma pausa, seus olhos fixando-se nos de Kai. — É o seu espírito inabalável. É isso que te separa dos outros.

Kai, ouvindo essas palavras, sente algo diferente dentro de si. O sorriso confiante que normalmente adornava seu rosto diminui aos poucos. O que antes parecia apenas mais uma luta gloriosa para ele, agora carregava um peso diferente. As palavras de Sate penetravam mais fundo do que qualquer golpe. “Espírito inabalável,” ele repetia mentalmente, ecoando a fala do adversário.

O desconforto se instala silenciosamente em Kai. Ele desvia o olhar por um breve momento, como se tentasse compreender a verdadeira natureza de si mesmo. Ao longo de sua trajetória, ele sempre acreditou ser invencível, abençoado pelos céus. Sua força física sempre o definiu, mas agora, confrontado por essas palavras, ele começava a perceber algo mais profundo.

— Espírito inabalável... — ele murmura, quase sem perceber que tinha dito em voz alta.

Sate continua observando Kai, percebendo a mudança sutil em sua expressão. Para ele, o mais forte sempre parecia inquebrável, mas agora via outra faceta do "intocável". Algo dentro de Kai parecia vulnerável, como se sua essência fosse repensada naquele instante.

"Qual é o preço que eu paguei por ser honrado? Abençoado, dizem... o mais forte, escolhido pelos céus. Mas quanto mais penso nisso, mais percebo o peso que isso realmente carrega. Força... algo que sempre me fez sentir invencível, acima de tudo. No entanto, agora percebo que essa mesma força foi minha maior fraqueza. Ela não me salvou... ela me isolou.

Por entre céus e a terra, fui sempre aquele que ninguém ousava desafiar. O poder, que deveria ser uma bênção, me transformou em algo distante. E agora, aqui, olhando nos olhos de um oponente que realmente me entende, que vê além da minha força, sinto uma verdade incômoda. Estar cara a cara com a morte, com uma luta que me força a ir além de tudo o que já fui... é solitário. Os mais fortes... somos sempre os que permanecem sozinhos.

Trilhei meu próprio caminho, sempre acreditando que estar no topo era o que importava. Talvez, no processo, tenha me perdido. Ser o mais forte... isso traz um fardo. Um que pesa mais do que qualquer soco ou golpe que já recebi. Sem conexão, sem compaixão. A verdade é que, quanto mais forte você se torna, mais as pessoas se afastam. E, pela primeira vez em muito tempo, sinto algo novo... algo que me diz que talvez eu não possa vencer.

O vazio... esse sentimento no meu peito, uma ausência que sempre tentei preencher com vitórias e poder, mas nunca consegui. Salvei aqueles que estavam dispostos a ser salvos, mas não consegui salvar a mim mesmo dessa solidão. A força afastou tudo e todos, até minha própria humanidade. O intocável, né? O abençoado... foi assim que

sempre me vi. Mas agora percebo que essa armadura invisível só me separou do mundo.

Me perdi naquele dia... o dia em que fui deixado para trás por aqueles que me importavam. No fundo, eu era apenas um homem... sozinho, carregando um título que nunca quis, tentando justificar uma existência que, até agora, parecia não ter propósito. Talvez seja isso o que o destino reserva para aqueles que carregam o peso de serem os mais fortes. A solidão, a desconexão. O verdadeiro preço do poder."

"Quanto mais eu penso, mais me pergunto... o que realmente ganhei sendo o mais forte? Talvez fosse uma maldição disfarçada de bênção. Sempre me disseram que era um privilégio, um dom divino. Mas agora, vendo as cicatrizes que essa força deixou em minha alma, não tenho mais certeza. Fui honrado por ser intocável, mas quem, de fato, esteve ao meu lado para entender o peso que carrego? Todos olham para cima e me veem como uma figura inatingível, mas ninguém olhou dentro de mim. Ninguém enxergou o homem por trás da lenda.

A força que deveria proteger aqueles que amo foi a mesma que os afastou. No começo, não percebi. As pessoas sempre sorriam, me admiravam, me reverenciavam. Mas lentamente, esses olhares de admiração se transformaram em medo. Eu me tornava mais forte, mais distante. Cada vez mais invencível, cada vez mais sozinho. E quando me dei conta, já era tarde demais. As pessoas que eu queria por perto... haviam partido, e tudo o que restava era o vazio.

Eu pensei que ser invencível me faria livre. Que estar no topo do mundo me traria paz. Mas não... ser o mais forte é estar acorrentado ao fardo do isolamento. A solidão é uma sombra que se arrasta, lenta, implacável. Ela me envolveu, silenciosa, até que eu mal conseguia respirar. Olhando para trás, vejo que a cada vitória que conquistei, perdi um pedaço de mim. Fui me tornando algo... alguém que eu mal reconheço.

Minha força é um muro, separando-me de tudo e de todos. E quanto mais forte eu me tornava, mais esse muro se erguia, até que me cercou por completo.

Às vezes, me pergunto se eu poderia ter sido diferente. Se, em algum momento, eu tivesse permitido que alguém visse a fragilidade que eu escondia. Mas ser o mais forte... significa nunca poder demonstrar fraqueza, não é? Não havia espaço para isso. Não havia tempo para hesitações ou dúvidas. E assim, eu continuei. Sempre de cabeça erguida, sempre carregando a coroa invisível de invencibilidade. Mas no fundo... no fundo eu sabia que estava me quebrando, lentamente.

E agora, frente a esse adversário que me obriga a olhar para dentro, sinto que algo está desmoronando em mim. Ele viu através da minha fachada, viu o homem que se esconde por trás do título. Ele falou do meu espírito, disse que ele era inabalável. Mas se ele soubesse... se ele realmente soubesse o quanto esse espírito carrega, talvez não dissesse isso. Porque a verdade é que meu espírito está rachado. Não por falta de força, mas pelo peso da solidão que ele sustenta há tanto tempo.

O que significa ser abençoado, quando essa bênção me isolou de todos? O que significa ser o mais forte, quando essa força me condenou a caminhar sozinho? Pela primeira vez, sinto que talvez... apenas talvez, eu tenha perdido mais do que ganhei. E tudo o que resta agora é essa sensação de vazio. Um buraco no meu peito que nem toda a força do mundo pode preencher. Sempre fui o intocável, mas essa mesma intocabilidade me fez intangível para o mundo. Eles me veem, mas não me conhecem. Eles me admiram, mas não se aproximam.

Eu fui deixado para trás... ou talvez eu tenha deixado todos para trás. Não sei mais. As linhas entre o que fiz e o que aconteceu comigo se misturam. Tudo o que sei é que estou aqui... sozinho, mesmo cercado por tantos. O intocável... o abençoado... mas no fim, quem está aqui para segurar minha mão? Quem está aqui para me salvar dessa

solidão que me consome por dentro? Talvez ninguém. Talvez esse seja o preço que pagamos pela força."

Enquanto essas reflexões o consumiam, Kai fechou os olhos por um instante e se lembrou de uma conversa que teve com Kursh, sua amiga mais próxima. Ela era uma das poucas que não olhava para ele com admiração cega ou medo disfarçado de respeito. Ela via além de sua força, além da fachada que ele tanto se esforçava para manter. Havia uma noite, pouco antes de tudo isso começar, em que eles se sentaram no topo de uma colina, olhando para o céu estrelado, e ela havia dito algo que ficou com ele desde então.

— *Você sabe, Kai... você não precisa carregar tudo sozinho.* — A voz de Kursh soava clara em sua mente, tão nítida como naquele dia.

Ele se lembrava de como havia rido na hora, como se fosse uma piada sem sentido. *Carregar tudo sozinho?* Claro que tinha que carregar sozinho, esse era o destino dos mais fortes, não era? Mas a forma como Kursh o olhou naquela noite, com aqueles olhos calmos e firmes, fez com que ele se calasse. Ela não estava brincando.

— *Ser o mais forte não significa que você tenha que ser o mais solitário,* — ela disse, desviando o olhar para o céu. — *Você pode dividir esse fardo. E se não puder fazer isso com todos... faça comigo. Eu tô aqui. Eu sei que ninguém vê o que você carrega, mas eu vejo. Eu sempre vi.*

Aquelas palavras, na época, tinham sido difíceis de aceitar. Kai se sentia incapaz de permitir que alguém visse sua vulnerabilidade. Mas ali, em meio ao caos da batalha, em meio ao choque de energias e a violência esmagadora, ele percebia o quanto aquelas palavras realmente significavam para ele. Kursh, de alguma forma, era um lembrete de que ele não estava completamente perdido. Que, talvez, em algum lugar no meio de toda aquela força, ainda existisse uma parte de Kai que não precisava se fechar ao mundo.

— *Eu estou aqui. Eu sempre vi.*

A verdade era que Kursh o entendia de uma forma que ninguém mais conseguia. E por mais que ele tentasse resistir a essa proximidade, a essa conexão, ela estava lá. Ela era a única que ousava romper o muro invisível que ele havia erguido em torno de si. A única que não tinha medo de ver o Kai por trás do "intocável", por trás do "abençoado".

"Kursh," ele pensou, deixando um suspiro escapar. "Talvez você tenha sido a única que me fez sentir... mais leve."

Enquanto ele se preparava para o próximo embate, havia um conforto silencioso em saber que, pelo menos com ela, ele não precisava ser o mais forte o tempo todo. Ao menos por um breve momento, ele podia dividir esse fardo. Mesmo que ele fosse incapaz de admitir isso em voz alta, ele sabia que Kursh carregava com ela um pedaço de sua dor. E, de alguma forma, isso tornava a jornada um pouco mais suportável.

"Obrigado," ele pensou, sem que nenhuma palavra fosse dita.

Sate, percebendo o momento de vulnerabilidade de Kai, não hesita. Ele avança com uma velocidade impressionante, voando para cima de Kai e acertando um soco direto em seu rosto. A força do impacto é colossal, e a cabeça de Kai se projeta para trás, mas seus pés permanecem firmemente plantados no chão, enquanto seu corpo é arrastado pela pura força do golpe. Um silêncio tenso paira no ar enquanto Kai permanece com a cabeça inclinada para trás por alguns segundos.

Quando finalmente baixa sua cabeça, os olhos de Kai brilham em um tom intenso de roxo, como duas ametistas carregadas de poder incontrolável. A energia ao seu redor começa a ondular, distorcendo o ar, e um frio gélido percorre o ambiente. Ele ergue uma mão lentamente, fazendo um gesto calculado e preciso, enquanto sua voz ecoa, carregada de uma frieza que fazia até o mais corajoso hesitar:

— Domínio Dimensional: Imensidão Púrpura.

Uma aura roxa intensa começa a se espalhar em torno de Kai, engolindo o espaço ao redor como uma tempestade de energia condensada. A atmosfera se distorce violentamente, e um campo de pura força começa a envolver ambos, separando-os da realidade comum. Tudo dentro da "Imensidão Púrpura" parecia se render ao controle absoluto de Kai — como se a própria dimensão tivesse se curvado à sua vontade.

Sate sentiu o peso do domínio imediato, o ar denso e a pressão esmagadora que ameaçava sufocar cada movimento. Seu corpo lutava contra a energia densa, seus instintos gritavam, mas sua mente permanecia focada.

Kai, agora dentro de seu próprio domínio, parecia invencível. Sua postura, sua expressão fria, e o olhar afiado demonstravam que ele havia levado o combate para outro nível. Tudo que estivesse dentro da Imensidão Púrpura estava à mercê de seu controle absoluto, e Sate sabia que qualquer erro poderia ser fatal.

Quando Kai ativa seu **Domínio Dimensional: Imensidão Púrpura**, o mundo ao redor deles começa a se dissolver, como se a própria realidade estivesse sendo apagada. O chão sob seus pés se fragmenta em pedaços, os prédios e estruturas ao redor são desintegrados sem chance de resistência. Tudo é engolido por um vasto e esmagador campo de energia roxa. A Imensidão Púrpura não é apenas uma técnica — é como se fosse a encarnação do infinito, uma dimensão onde Kai reina absoluto.

A energia roxa parece não ter limites, expandindo-se em todas as direções, sem fim. O espaço dentro do domínio deixa de ser reconhecível, não há mais terra, céu ou horizonte. Tudo é um vazio roxo, onde o tempo e o espaço parecem perder o sentido. Um vórtice imenso de energia circunda Kai, girando e pulsando com uma força incontrolável, como se o próprio universo estivesse à mercê dele.

A sensação de infinito é sufocante. Dentro dessa dimensão, a noção de limites desaparece. O espaço entre Sate e Kai parece tanto infinito quanto insignificante. Cada partícula do ambiente é dominada pela presença de Kai, e não há escapatória. A energia densa o envolve, tornando os movimentos pesados, o ar opressor, e a luz quase inexistente. O roxo não só pinta o cenário, como parece engolir qualquer outra cor ou forma. Tudo, absolutamente tudo, está submetido à vastidão do poder de Kai.

Sate sente a pressão esmagadora ao seu redor, como se a própria existência estivesse prestes a ser absorvida por esse vazio. Cada tentativa de se mover era resistida por uma força invisível que o empurrava para trás. O Reflexo Celestial, que normalmente o colocava à frente de qualquer oponente, começava a falhar dentro dessa vastidão incontrolável. A aura roxa parecia se adaptar e antecipar seus movimentos, como se o próprio infinito estivesse desafiando qualquer lógica que ele conhecia.

Kai, no centro de toda essa devastação, permanecia imóvel, sua expressão fria e calculada refletindo o absoluto domínio que tinha sobre a situação. O brilho roxo de seus olhos cintilava com uma intensidade que parecia furar a própria escuridão.

— **Este é o verdadeiro infinito** — Kai sussurra, quase para si mesmo.

Cada passo de Sate em direção a ele se torna um esforço monumental. Dentro desse domínio, a força e agilidade de Sate, que antes rivalizavam com as de Kai, se tornam insignificantes. Ele tenta desviar e atacar, mas todos os seus golpes são anulados antes de sequer atingirem o destino. Era como se a própria Imensidão Púrpura antecipasse cada ação, tornando tudo inútil.

Sate tenta avançar, mas a energia roxa o consome de todos os lados, reduzindo a eficácia de seus golpes, como se a própria existência do ataque estivesse sendo drenada pelo vazio ao redor. Cada movimento que ele faz é como uma gota em um oceano infinito — sem impacto, sem efeito.

O olhar de Kai se intensifica, suas palavras são duras, mas calmas:

— Aqui... só eu existo.

Essa era a essência do domínio de Kai — o controle absoluto, o infinito sem limites, onde qualquer tentativa de resistência era esmagada pela vastidão do vazio roxo.

Dentro do Domínio Dimensional: Imensidão Púrpura, Sate sente o peso esmagador do infinito penetrando em sua mente. A vastidão do espaço ao seu redor não era apenas física, mas mental. Cada pensamento, cada memória, parecia se diluir, como se sua própria consciência estivesse sendo arrastada para esse vórtice sem fim. O Infinito de Kai começava a preenchê-lo de uma compreensão avassaladora, uma clareza que trazia dor.

Sate tenta mover os braços, suas pernas, qualquer parte do corpo... mas não consegue. O tempo e o espaço ao seu redor tornaram-se distorcidos. A sensação de movimento é engolida por essa vastidão, e a resistência que ele tenta oferecer se desfaz como um grão de areia numa tempestade.

Os primeiros cortes aparecem em seu corpo, mas não são como os golpes físicos que ele já havia sentido. A Imensidão Púrpura era um ataque de pura compreensão, algo que rasgava o corpo e a mente ao mesmo tempo. Cada corte parecia vir de uma força invisível que destruía o seu ser por dentro, não apenas ferindo a carne, mas atingindo sua essência. A energia roxa penetrava como lâminas etéreas, esculpindo sua pele com cortes profundos e irregulares. Ele sente a dor se acumular em ondas, cada ferida mais intensa que a anterior.

— O que... é isso? — Sate pensa, enquanto sua mente tenta se agarrar a qualquer fragmento de resistência. Mas o infinito dentro da Imensidão Púrpura não dá trégua. O espaço ao redor continua comprimindo e dilacerando, uma sensação sufocante de estar sendo consumido aos poucos.

Seu corpo é rasgado de maneira meticulosa. Os ferimentos não surgem todos de uma vez, mas gradualmente, como se o próprio Kai estivesse permitindo que ele sentisse cada gota de dor, cada centímetro de pele se abrir. A aura roxa envolve Sate como uma serpente, apertando-o cada vez mais forte, até que o sangue começa a escorrer de suas feridas.

O infinito não machuca rápido. Ele destrói lentamente, minuciosamente. Porém, quanto mais forte é o oponente, mais demorado é.

Sate sente a compreensão pesar em sua mente, uma verdade cruel que a Imensidão Púrpura estava forçando sobre ele: ele estava enfrentando algo além do poder físico, algo que transcende a força. Era a própria essência do domínio de Kai — controlar a realidade ao ponto de torná-la inescapável, incompreensível, fatal. Cada segundo dentro daquela vastidão parecia uma eternidade, e a eternidade, insuportável.

Kai permanecia imóvel, observando enquanto o domínio fazia seu trabalho. O brilho roxo em seus olhos cintilava, sua expressão séria, inabalável, quase sem emoção.

— Está sentindo agora, Sate? — Kai murmura em um tom frio. — O peso do infinito...

o primeiro a entrar aqui, Sate. O mais forte que enfrentou meu domínio... era tão forte quanto eu, um deus. Durou apenas um minuto e meio. — A voz de Kai carrega uma serenidade perturbadora, como se a devastação que ele causava fosse uma simples formalidade. Ele não demonstrava arrogância, apenas uma certeza sombria.

Sate estava sendo dilacerado, e sua resistência diminuía a cada segundo. Os cortes em sua pele ficavam mais profundos, seus ossos começavam a sentir a pressão do infinito. O reflexo da dor em seus olhos mostrava a gravidade da situação. Nem mesmo a adaptação de Darius, sempre ágil e imprevisível, conseguia acompanhá-la com rapidez

suficiente. O corpo de Sate sofria enquanto o domínio esmagava sua essência com precisão inumana.

— Droga... isso está além do que consigo ajustar... rápido demais... intenso demais...

— Darius, dentro da mente de Sate, resmungava, frustrado, enquanto tentava desesperadamente modificar sua defesa. Ele sentia cada impacto dentro do domínio, cada nova explosão de compreensão que atingia Sate de forma implacável.

Porém, no último lampejo de sua percepção, Darius percebe algo crucial. Ele não precisava adaptar-se à totalidade da Imensidão Púrpura — isso seria impossível em tempo hábil. Mas ele só precisava encontrar uma brecha, uma fração de segundo em que o domínio enfraquecesse, o tempo suficiente para ativar o Reflexo Celestial de Sate.

— Sate, ouça! Só precisamos de um segundo! Um único segundo é suficiente para a adaptação! — A voz de Darius ecoa na mente de Sate, com um tom determinado.

Sate, com seu corpo debilitado e sua mente à beira do colapso, respira fundo, canalizando o pouco de força que lhe resta. A dor que atravessava seu corpo era insuportável, mas ele sabia que essa era a única chance. Darius força a adaptação, ignorando todas as feridas, concentrando sua energia na defesa ao nível do domínio.

Sate estava imóvel, preso em meio ao vasto e opressor Infinito de Kai, sua mente sendo devorada lentamente pela imensidão que se estendia além de sua compreensão. Cada segundo dentro do domínio roxo era um golpe em seu corpo e alma, tornando qualquer tentativa de reação impossível. Ele não conseguia mais ouvir, pensar ou agir. A vastidão infinita era seu novo mundo, e ele estava à mercê dela.

Darius, desesperado, via o corpo de Sate sendo rasgado e marcado com as feridas do domínio. Ele sabia que estavam em um ponto crítico. Se Sate não reagisse logo, tudo estaria perdido.

— Você vai morrer, idiota! — Darius gritou, sua voz repleta de desespero e frustração. Mas Sate não ouviu. O Infinito estava consumindo cada fragmento de sua percepção.

Darius, sem alternativa, tomou a única decisão que lhe restava. Com uma força de vontade tremenda, ele começou a forçar sua presença para dentro da mente de Sate. Ele sabia que isso era perigoso, sabia que se se fundisse completamente com a psique de Sate, ambos poderiam perder o controle. Mas ele não tinha escolha. Ele tinha que salvá-lo. Ele tinha que trazê-lo de volta, nem que precisasse mergulhar profundamente nas memórias e na essência de Sate.

— Eu vou te tirar dessa! — Darius rugiu, mergulhando de cabeça nas profundezas da mente de Sate, onde o Infinito ainda não havia dominado por completo.

Dentro das memórias de Sate, Darius foi lançado em uma torrente de imagens, sentimentos e lembranças. Ele viu fragmentos da vida de Sate, cenas rápidas de sua jornada, batalhas, momentos de silêncio, e um sentimento persistente de isolamento. Sate, apesar de sua força, sempre carregou um fardo de solidão. Mesmo cercado por aliados e desafios constantes, ele sempre se manteve distante, como se uma parte dele nunca pudesse ser alcançada.

Darius atravessava esses fragmentos, procurando o núcleo de Sate, a parte que ainda podia reagir. Ele via Sate quando criança, treinando sozinho, sempre buscando uma força que não pudesse ser quebrada, não por outros, mas por ele mesmo. Havia uma determinação que beirava o desespero. Sate queria ser inabalável, intocável, como se fosse uma barreira entre ele e o mundo.

Finalmente, Darius chegou a uma memória mais antiga, onde Sate, ainda mais jovem, conversava com alguém importante para ele. Um mentor? Um amigo? Não, era seu criador, como um borrão esquecido. As palavras ecoavam, mas estavam distantes, como se o tempo as tivesse coberto de névoa. Darius sabia que precisava alcançar o centro dessa memória, pois ali encontraria a faísca que poderia trazer Sate de volta.

— Sate, escuta! Não é o fim! Você ainda está aqui! — Darius gritava dentro da mente dele, tentando romper o silêncio avassalador do Infinito.

Enquanto navegava mais fundo nas memórias de Sate, ele finalmente encontrou a resposta. No centro de tudo, havia um momento em que Sate se recusou a ceder. Ele havia enfrentado um oponente implacável, e mesmo à beira da derrota, recusou-se a se render. Esse era o espírito inabalável de Sate. O que o havia tornado tão forte, não era sua força física, mas sua recusa em desistir, em qualquer circunstância.

Com um último esforço, Darius gritou:

— Sate, lembra quem você é! Lembra o que te fez forte! Agora, reage!

Essa última explosão de força foi o suficiente. Dentro da vastidão do Infinito, uma pequena faísca reacendeu. A consciência de Sate começou a retornar. Aos poucos, o som do infinito foi substituído pela sua própria respiração, seu próprio pulso. Ele estava voltando, lutando contra o domínio que o consumia.

E então, por um breve momento... o corpo de Sate responde.

O Reflexo Celestial é ativado.

Reflexo Celestial

23.

A plateia ficou em um silêncio ensurdecedor, a tensão pairando no ar como uma tempestade prestes a estourar. Ninguém conseguia ver nada, mas a presença do líder dos deuses, Kai, confrontado por um mortal que desafiava as próprias regras da divindade, era palpável. Esse embate era algo que muitos nunca haviam imaginado testemunhar. Era como se as leis do universo estivessem sendo testadas ali, em plena arena.

Murmuros de incredulidade começaram a se espalhar entre os espectadores. Aqueles que sempre veneraram Kai, que o viam como a encarnação da força e da sabedoria, agora se perguntavam se seus olhos estavam enganando-os. A ideia de que ele poderia ser superado por um mortal era, para muitos, impensável. Os que nunca foram fãs do deus, que sempre o viam como arrogante e infalível, estavam igualmente chocados. Afinal, se Kai, o mais forte entre eles, estivesse em perigo, quem mais estaria seguro?

Kursh, observando a cena com uma inquietude crescente, tentava se manter firme. Uma parte dela queria acreditar que tudo estava bem, que Kai ainda teria um truque na manga. Mas havia algo em seu olhar, uma fraqueza que ela não conseguia ignorar. Ela conhecia Kai melhor do que ninguém, e suas habilidades de mascarar a insegurança não funcionavam mais com ela. O fato de ele estar enfrentando um oponente tão poderoso a deixava profundamente preocupada.

Do outro lado da arena, Yuuki, que havia tomado o lugar de Deluxe como representante dos humanos, mantinha sua postura determinada. Ele estava ciente de que este era um momento crucial, não apenas para ele, mas para toda a sua raça. Ele assistia com atenção, absorvendo cada movimento, cada golpe. A batalha entre Kai e Sate não era apenas uma luta física; era uma declaração de que os humanos podiam desafiar os deuses, que podiam se erguer contra o que parecia impossível.

— Eu preciso mostrar meu valor, pensou Yuuki, um fogo ardente se acendendo dentro dele. Preciso provar que os humanos também podem ser mais do que apenas mortais, que podemos lutar ao lado dos deuses e, um dia, talvez, até mesmo superá-los.

Enquanto a batalha se desenrolava, a plateia observava com ansiedade, cada um segurando a respiração, sabendo que o desfecho desse embate poderia mudar não apenas suas vidas, mas o equilíbrio de poder entre deuses e mortais para sempre.

Dentro do domínio dimensional, os olhos de Sate brilharam intensamente enquanto ele ativava o Reflexo Celestial. A energia ao seu redor pulsava como um coração batendo forte, e ele declarou:

— Domínio Dimensional: Espelho Divino Tipo S: Imensidão Púrpura!

Um novo domínio dimensional surgiu, encapsulando a Imensidão Púrpura de Kai. A energia vibrava, e Kai ficou atônito.

— Mas o que!? — exclamou, surpreso. — Isso não foi nem um Reflexo! Você usou um domínio próprio a partir do meu!? Não vai vencer!

Com determinação renovada, Kai intensificou seu domínio, provocando um choque colossal entre as duas forças. A arena exterior tremeu sob a pressão do conflito, e os deuses que observavam do lado de fora foram obrigados a reforçar desesperadamente a barreira que protegia a plateia. Sem esse escudo, a onda de energia poderia obliterá-los a todos.

Sate, com uma expressão séria e concentrada, focou sua energia. O esforço estava estampado em seu rosto, e o sangue começou a escorregar pelo seu olho, um sinal do alto custo de seu domínio.

— Você não está acostumado com um domínio dimensional! — Kai gritou, aproveitando a fraqueza aparente de Sate.

Do lado de fora, Darius, que se esforçava para adaptar sua própria energia desde que entraram no domínio, lutava com todas as suas forças para manter a defesa de Sate. Ele sentia a pressão crescente e a aura sagrada do amigo começava a rachar sob o peso do poder de Kai.

— Rápido! Não vou aguentar muito tempo! — Darius gritou, sua voz carregada de desespero.

Mas Sate não estava disposto a ceder. Os olhos dele brilharam mais uma vez, e a energia começou a elevar seu poder, intensificando ainda mais o choque dos domínios. O ambiente ao seu redor tremeu, as paredes do domínio se contorcendo sob a força dos dois deuses.

— Isso é tudo que você pode fazer? — provocou Kai, um sorriso maníaco se espalhando por seu rosto. — ENTÃO EU VOU COM TUDO, SATE!

A aura roxa tomou conta de Kai, seu cabelo lilás transformando-se em um roxo profundo e ardente, como chamas de um incêndio feroz. Ele entrava em seu estado purpúreo, um verdadeiro avatar de poder que desafiava a própria natureza da realidade.

Com um grito de guerra, Kai intensificou ainda mais o choque, e a realidade ao redor deles começou a rachar, como vidro sob pressão. A energia liberada era tão poderosa que parecia que o próprio espaço-tempo se curvava, ameaçando se quebrar em pedaços.

O domínio de Sate lutava para resistir, mas a força de Kai era avassaladora, e a batalha se tornava cada vez mais um teste de resistência entre os dois. Sate, em meio ao turbilhão de energia, sabia que essa luta não era apenas uma questão de força; era uma batalha de vontade, um conflito que poderia definir o destino de todos os que observavam, e ele estava determinado a não ser o primeiro a cair.

O Reflexo Celestial pulsava com uma força incontrolável, fazendo o olho de Sate sangrar abundantemente. Ele estava excedendo todos os seus limites, lutando contra uma pressão que parecia querer esmagá-lo. A aura de Darius, que antes era uma barreira forte e protetora, começou a rachar sob a pressão da Imensidão Púrpura, e Sate percebeu que, se nada mudasse, sua vida acabaria em questão de segundos.

Em um último esforço desesperado, o olho de Sate brilhou intensamente mais uma vez. Ele não estava apenas lutando por si mesmo, mas por todos os que dependiam dele. No mesmo instante, Kai intensificou seu domínio, e uma explosão de energia irrompeu entre os dois, rompendo a realidade ao seu redor. Um clarão ofuscante envolveu tudo, e, em um instante, eles foram arremessados de volta à arena.

Quando a luz se dissipou, a aura protetora de Darius se quebrou em fragmentos, e ele caiu ao chão, quase morto, inconsciente e sem forças. O impacto havia sido brutal, e sua forma de luta, embora admirável, não foi suficiente para suportar o poder descomunal que se desenrolava diante deles.

Sate, mesmo em meio ao caos, ainda estava de pé, mas não sem custo. Seu corpo estava coberto de sangue, as feridas abertas testemunhando o esforço que havia feito para se manter em combate. Ele parecia vestir um manto vermelho, a vida escorrendo dele em cada movimento. Seu olhar estava quase nulo, a visão turva e embaçada, mas sua determinação era inquebrantável. Ele sabia que não podia desistir.

Do outro lado, Kai também mostrava sinais de cansaço. Suas vestimentas estavam rasgadas, e seu corpo estava marcado por ferimentos e hematomas. O esforço de manter a Imensidão Púrpura e lutar contra Sate o deixava ofegante, mas a adrenalina e a vontade de vencer ainda pulsavam em suas veias.

A plateia, em estado de choque, observava a cena que se desenrolava diante deles. Quem sairia vitorioso daquela luta titânica? A balança parecia estar totalmente desequilibrada, com Sate em total desvantagem. Mas, mesmo assim, havia algo em

seu olhar que revelava uma chama de esperança — um desejo profundo de lutar até o fim.

As energias no ar estavam carregadas, e o silêncio na arena era palpável. O destino de ambos estava prestes a ser decidido, e a luta que começou como uma batalha física agora se tornava um verdadeiro teste de espírito e determinação.

Sate sentiu uma onda de calor e emoção ao começar a recordar fragmentos de sua criação. Imagens distorcidas surgiram em sua mente, como ecos de um passado que ele mal podia lembrar, mas que ainda assim, pareciam vibrar nas profundezas de sua alma. A figura de seu criador se delineou em sua memória, uma divindade que o moldou a partir de sonhos e esperanças, um reflexo dos deuses, mas também uma manifestação da fragilidade humana.

Ele se lembrava da presença poderosa e ao mesmo tempo afetuosa de seu criador, que, ao lhe dar vida, havia infundido nele uma responsabilidade única. "Sate, cumpra seu propósito," a voz reverberava em sua mente como um mantra, "Você é mais único do que pensa. Você entende os dois lados, por isso é útil para mim." Cada palavra carregava um peso, como se seu criador soubesse que Sate enfrentaria um caminho repleto de desafios.

Em sua criação, a divindade lhe dera não apenas poder, mas um corpo mortal, uma forma física que lhe permitia caminhar entre os humanos. "Desde a expulsão do paraíso, você não deve sentir raiva, apenas proteger seus iguais," ecoava a voz em sua mente. A missão de Sate sempre foi clara, e ele se lembrou de como seu criador havia ensinado a importância de usar seus dons para servir e proteger aqueles que não podiam se defender.

Ele se viu enfrentando a solidão, não por causa de um desejo de poder, mas como um guardião de um mundo que, muitas vezes, não compreendia sua presença. "Um dia você verá isso," a voz continuava, "e eu estarei lá para dizer que conseguiu." Essas

palavras, mesmo que proferidas no passado distante, agora traziam um novo significado para Sate. Ele percebeu que a luta contra Kai não era apenas uma batalha de força e habilidade, mas também uma luta interna — uma busca por seu verdadeiro propósito.

Com cada golpe que trocava com Kai, Sate sentia sua determinação aumentar. Ele não estava apenas lutando por si mesmo, mas por todos aqueles que ele havia jurado proteger. Essa conexão com sua criação e seu criador se tornava mais clara a cada segundo, e as feridas em seu corpo pareciam menos significativas diante da responsabilidade que carregava.

A lembrança de seu criador se tornou uma âncora em meio à tempestade. Ele não estava sozinho. Havia um legado, uma missão que transcendia a luta que se desenrolava na arena. Essa nova perspectiva reacendeu uma chama dentro dele — a vontade de lutar com tudo o que tinha, não apenas por ele, mas por todos os que não podiam lutar por si mesmos.

— Eu não vou falhar — sussurrou Sate para si mesmo, enquanto o poder dentro dele começava a se intensificar novamente, empoderado pelas lembranças de sua origem e pelo legado que deveria cumprir. — Estou aqui para cumprir meu propósito.

Sate respirou fundo, sentindo a pressão em seu peito enquanto avançava em direção a Kai. Cada passo que dava parecia ecoar nas paredes da arena, sua determinação renovada pelas lembranças de seu criador. O ar ao seu redor se eletrizava, a tensão da batalha intensificando-se a cada instante.

Kai, com um olhar maníaco e um sorriso de desafio, levantou uma mão e invocou a energia do Vácuo Abissal, sua técnica mais poderosa. As sombras se concentraram ao seu redor, e um burburinho sombrio começou a tomar forma, expandindo-se como um furacão devastador.

— Vácuo Abissal, 500%! — A energia negra girou com força, ameaçando consumir tudo à sua frente.

Mas Sate, percebendo a gravidade da situação, não hesitou. Com um movimento ágil, ele se lançou para o lado, desviando do ataque voraz que poderia ter sido seu fim. Seu corpo parecia flutuar por um momento, como se o tempo tivesse desacelerado. Ele estava no controle, a visão clareando enquanto a adrenalina percorria suas veias.

Com um giro rápido, Sate atacou, seus punhos se movendo como relâmpagos. Ele desferiu um golpe direto no rosto de Kai, que foi pego de surpresa, seus olhos se arregalando enquanto o impacto reverberava. Sate não podia mais usar o Reflexo Celestial; os riscos de ficar cego eram grandes demais. Mas isso não o impediu de continuar a luta.

Kai, recuperando-se rapidamente, lançou uma série de socos e chutes com uma velocidade sobrenatural, cada movimento uma demonstração de pura força. Sate se esquivou e contra-atacou, cada golpe que trocavam se intensificando em poder e determinação. A arena tremia com a força de seus ataques, as ondas de choque reverberando e levantando poeira do chão.

A luta se tornou uma dança de forças, cada um buscando superar o outro. Sate saltou e girou, desferindo uma sequência de ataques rápidos que desestabilizavam Kai. Mas Kai não era facilmente vencido. Ele se impulsionou, desferindo um poderoso chute que atingiu Sate no estômago, fazendo-o recuar. Os dois pareciam estar em um balé mortal, movendo-se em perfeita sincronia, a tensão crescente entre eles como um fio prestes a se romper.

Finalmente, com uma explosão de energia, Sate deu um último grito de batalha. Ele reuniu toda a sua força e, com um movimento de desespero e esperança, atacou Kai com um golpe que misturava força bruta e a essência de sua determinação. Mas Kai,

com um olhar determinado, desviou e, em um movimento rápido, desferiu um soco que atingiu o queixo de Sate.

Sate foi lançado para trás, seu corpo atingindo o chão com um baque profundo. O impacto foi forte o suficiente para fazê-lo perder o fôlego. Ele se esforçou para se levantar, mas seu corpo estava exausto, as feridas ardendo como fogo.

Sate foi lançado para trás, seu corpo atingindo o chão com um baque profundo. O impacto foi forte o suficiente para fazê-lo perder o fôlego. Ele se esforçou para se levantar, mas seu corpo estava exausto, as feridas ardendo como fogo. Kai, em contraste, flutuava no céu, seu corpo brilhando com uma aura intensa, como se estivesse se conectando ao próprio divino.

Com um sorriso triunfante, ele olhou para Sate, que estava deitado no chão, sua respiração pesada.

— Sabe por que eu uso tanto o Vácuo Abissal e a Proporção Roxa? — perguntou Kai, sua voz ressoando com um tom desafiador. — Cada vez que eu uso a energia, ela se reúne em uma força maior que se formava acima da arena de maneira intangível. Com a energia do domínio dimensional, ela finalmente ficou completa.

Kai então ergueu a mão, uma esfera roxa pulsante se formando em sua palma, crescendo em tamanho e intensidade.

— Eu lembrarei de você, garoto. Você é forte. — E com isso, ele finalizou: — Abismo Púrpura...

A explosão de energia disparou em direção a Sate, um clarão ofuscante iluminando a arena. A força do ataque explodiu em uma onda de destruição, fazendo o chão tremer e a realidade parecer distorcer ao seu redor.

Kai, em contraste, flutuava no céu, seu corpo brilhando com uma aura intensa, como se estivesse se conectando ao próprio divino.

Com um sorriso triunfante, ele olhou para Sate, que estava deitado no chão, sua respiração pesada, quase nula.

— Entre o céu e a terra, não... entre o Paraíso e o Inferno... eu sou o mais honrado — proclamou Kai, sua voz ecoando por toda a arena, uma declaração de vitória que reverberava nas mentes de todos os espectadores.

A plateia estava em choque, observando o desfecho épico da batalha, enquanto Sate, mesmo derrotado, sentia um resquício de dignidade em sua derrota. Ele havia lutado com todo o seu ser, e, mesmo no chão, uma centelha de esperança brilhava em seu coração, lembrando-o de que, mesmo nos momentos mais sombrios, havia uma luz a ser encontrada.

Hehe...

— Então... vá reinar no inferno — Sate disse, erguendo a mão e convocando uma esfera de energia idêntica a de Kai.

— Abismo Púrpura! Alteração: Retaliação Divina. — ele gritou, e a esfera se fragmentou em sete cortes, desferindo uma retaliação devastadora em direção a Kai.

“Quando a solidão me consumiu? O tempo parou ao meu redor e, enquanto me deixo levar por essas memórias, percebo que tudo começou muito antes de eu ser conhecido como o líder dos deuses.

Lembro do meu primeiro dia, o brilho ofuscante da criação e o sussurro distante das estrelas. Nasci como um dos mais humildes, uma pequena luz em meio a um universo de divindades gloriosas. Meus primeiros passos foram vacilantes, e as vozes do Grande Conselho eram como ecos, celebrando minha existência, mas suas expressões frias me deixavam claro que eu não era mais do que um mero reflexo de seus ideais.

O Primeiro corte retalia seu braço.

O dia em que conheci Kursh é uma das lembranças que mais me marcam. Ela estava lá, brincando entre as flores do nosso lar divino, com um sorriso que iluminava tudo ao redor. Naquela época, éramos apenas crianças, sem preocupações, imaginando aventuras e conquistas. “Um dia, vamos caçar lobos espectrais juntos!” ela exclamou, e eu ri, acreditando que a infância duraria para sempre. Mas esse dia nunca chegou; as

responsabilidades e as expectativas começaram a nos separar, e a amizade se transformou em um eco distante.

...o segundo corte...

Quando Hope entrou em minha vida, eu estava tão perdido. Ela era um espírito indomável, sempre nos levando a novos horizontes. Lembro-me do dia em que decidimos escalar a Montanha da Eternidade. O vento cortante e as nuvens tempestuosas testaram nossa determinação, mas ao chegarmos ao topo, a vista nos deixou sem fôlego. Olhando para o horizonte, ela disse: “É aqui que podemos ser livres, Kai. O mundo é nosso!” Mas aquela liberdade sempre parecia estar a uma distância inatingível, um sonho que se desfazia assim que a realidade se aproximava.

...o terceiro corte...

Kazuma, por outro lado, trouxe uma nova dimensão à minha vida. A luta ao lado dele na Batalha das Quatro Sombras foi uma das experiências mais intensas que já vivi. Lembro-me dele, de pé, enfrentando inimigos poderosos com uma determinação inabalável. “Lute como se cada golpe fosse o seu último, Kai!” ele me gritou, e sua paixão me inspirou. Mas mesmo em meio à vitória, uma sombra pairava sobre mim. Enquanto ele se tornava um herói, eu apenas me tornava mais forte, e a distância entre nós aumentava.

...em seguida, o quarto...

Lembro de Arthur, meu amigo mais próximo, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu duvidava de mim mesmo. Um dia, enquanto treinávamos juntos em um campo de flores douradas, ele se virou e disse: “Kai, você vai ser grande. Eu só espero que eu esteja lá para ver isso.” Sorrimos, mas dentro de mim havia uma sombra de insegurança. Hoje, sinto falta dele. Queria que estivesse aqui, ao meu lado, para

testemunhar a jornada que percorri, para me lembrar que a força não é apenas um fardo, mas também uma bênção.

...este foi o quinto...

Yuna... Sua presença era um bálsamo para minha alma. Mas algo nela, me deixava com um pé atrás. Lembro-me de uma noite estrelada em que nos sentamos juntos, compartilhando histórias sobre nossas esperanças e medos. “Você carrega o peso de muitos, Kai,” ela disse, com um olhar de preocupação. “Mas nunca se esqueça de que é como um humano também. Você também merece felicidade.” Aquelas palavras ficaram gravadas em meu coração. Sua habilidade de enxergar a verdade nas sombras que me cercavam era como um farol em uma tempestade. Eu queria ter mais tempo com ela, para aprender com sua sabedoria e sua visão única da vida. Se bem que a origem de tanta sabedoria me intrigava, será que ela mostrava o que realmente era?

...o Sexto corte...

E então havia Kursh de novo, que sempre me desafiou a ser melhor. Uma vez, durante uma competição amistosa, ela me superou com um movimento que eu nunca esperei. Em vez de sentir raiva, ri. “Você sempre foi melhor, Kursh,” eu disse, e ela sorriu, me encorajando a me esforçar mais. “Um dia, você vai me superar. E eu estarei aqui para ver isso!” Mas agora, mesmo enquanto luto com todas as minhas forças, me pergunto se ela ainda acredita que isso é possível.

A cada conquista, eu ascendi, mas a solidão crescia como um manto escuro ao meu redor. As vozes que antes celebravam minha jornada agora ecoavam com críticas sutis. Tornar-me o mais forte trouxe o respeito que tanto desejei, mas ao mesmo tempo, perdi os laços que me tornaram humano. Olhando para trás, percebo que o preço pago por essa força foi a conexão. As memórias de risos, aventuras e camaradagem se tornaram fragmentos em uma tapeçaria de solidão.

Agora, enquanto a escuridão se aproxima e a luta se intensifica, essas lembranças dançam diante de mim. Sinto a presença de Kursh, Hope e Kazuma como sombras, lembrando-me do que foi perdido. E, em meio a essa batalha, me pergunto: valeu a pena? A força que construí me elevou, mas também me isolou. E no fundo, ainda sou aquele garoto que apenas queria ser aceito.”

“...o sétimo corte decapita o honrado...”

Kai se vê em um salão vasto, onde as paredes estão adornadas com imagens de sua vida e de todos aqueles que amou. O lugar, uma vez vibrante e cheio de risadas, agora se encontra em um silêncio pesado, quase palpável. Cada um dos rostos que o cercam parece ser um fragmento de seu passado, uma lembrança que se recusa a desaparecer.

À sua direita, Arthur sorri, mas seus olhos estão cheios de tristeza. Kai se lembra da última vez que os dois se encontraram, quando Arthur o encorajou a lutar contra seus medos.

— Você é mais forte do que pensa, Kai. Nunca se esqueça disso — ele disse, com uma confiança que parecia inabalável. Agora, essa confiança é uma sombra, um eco distante de alguém que se foi.

— Se ao menos eu pudesse ter feito mais por você, meu amigo — murmura Kai, sentindo o peso da culpa em seu peito.

À sua esquerda, Yuna olha para ele, seu rosto sereno, mas há uma melancolia em seu olhar.

— Você carrega o peso do mundo, Kai — ela sussurra, e sua voz é como um sussurro de vento em uma noite fria. — Mas nunca se esqueça de que você não está sozinho.

Ela sempre tentou confortá-lo, sempre esteve lá quando ele se sentia perdido. Mas ele sente que falhou com ela, que não conseguiu ser o protetor que prometeu ser.

— Perdoe-me, Yuna — ele diz em voz baixa, sentindo lágrimas escorrerem por seu rosto. — Mas eu estou sim.

Kursh aparece, seu olhar penetrante cheio de compaixão.

— Você precisa lutar, Kai. Nunca desista! — Ela sempre foi uma força, um espírito indomável. Mas agora, mesmo sua voz é um lembrete do que ele está prestes a perder.

— Eu estou lutando, Kursh, mas eu não sei se isso é o suficiente — ele admite, o medo se enraizando em seu coração. O orgulho que uma vez o sustentou agora se dissolve em lágrimas, e ele se sente pequeno e impotente diante de todos eles.

E, à medida que o salão se preenche com as memórias de sua vida, ele vê todos eles juntos, sorrindo, mas a felicidade é apenas uma ilusão, uma pintura desbotada em uma tela desgastada pelo tempo.

— Eu deveria ter protegido vocês — ele sussurra, a culpa esmagando-o sob seu peso.
— Eu falhei com todos vocês.

As paredes do salão começam a desmoronar, e ele sabe que essa é uma despedida. A dor de suas perdas é uma tempestade, arrastando-o para um abismo.

— Por favor, não me deixem! — ele grita, a desespero invadindo sua voz, mas a sala está se apagando, levando consigo as risadas e a luz que uma vez o cercou.

Ele se vê sozinho, novamente, com o eco de suas memórias como a única companhia.

E assim, enquanto o salão se dissolve na escuridão, Kai cai de joelhos, quebrado.

— Desculpem-me — ele sussurra, sentindo o peso do arrependimento e da solidão esmagá-lo. — Desculpem-me por não ser o líder que vocês mereciam.

Kursh se aproxima, seus olhos cheios de determinação e compaixão. Ela levanta o queixo de Kai com delicadeza, forçando-o a olhar em seus olhos.

— Você é um líder muito melhor do que poderíamos ter — ela afirma, sua voz firme, como um farol na tempestade. — Nunca duvide disso. Nós sempre acreditamos em você.

Kai, em meio às lágrimas, sente uma onda de esperança emergir do fundo de seu ser. A força nas palavras de Kursh é um bálsamo para sua alma atormentada. Ele tenta sorrir, mesmo que a dor ainda o consuma.

— Obrigado — ele responde, a voz embargada. — No fim, só resta acreditar em vocês. Meus amigos...

Ele olha ao redor, sentindo a presença de todos os que ama. Cada rosto é um lembrete do que ele tem lutado para proteger. A dor e a solidão começam a se dissipar, substituídas por uma força renovada. Os laços que formaram juntos são indestrutíveis, e mesmo na escuridão, eles brilham intensamente.

Kai sente a presença de Deluxe se aproximando, uma energia familiar que provoca um misto de emoções dentro dele. Ele se vira lentamente, seus olhos encontrando o olhar enigmático do Deus manipulador.

— Teve o que queria, afinal, não? — Kai diz, sua voz carregada de ironia e tristeza. — Me pergunto qual será o rumo que tudo isso vai tomar.

Deluxe apenas sorri, um sorriso que mistura compaixão e um toque de mistério. Ele coloca a mão no ombro de Kai, um gesto de conforto, mas também de poder. Nesse momento, Kai sente a dualidade da presença de Deluxe.

A imagem da arena se torna mais nítida, revelando o cenário desolado e devastado. O corpo de Kai jaz no chão, partido em sete partes, um número profundamente simbólico que reverbera em sua essência. Apesar da gravidade da situação, um leve sorriso se forma em seus lábios, um testemunho da aceitação e da paz que finalmente encontrou em seus últimos momentos.

— O vencedor da sétima rodada é... — Dum tenta anunciar, mas a voz lhe falta, engasgada pela incredulidade e pela dor. Ele fica paralisado, incapaz de concluir a frase.

Sate, exausto e coberto de feridas, ergue a cabeça, ainda atordoado pela magnitude da batalha e pela presença do abismo que enfrentou. O que deveria ser uma vitória se torna um eco sombrio diante da queda do líder dos deuses.

Kursh está em estado de choque, paralisada, com lágrimas escorrendo por seu rosto sem que ela consiga esboçar uma expressão. A ficha não havia caído, e a realidade do que aconteceu se instala como um peso insuportável em seu peito. Shadow, percebendo sua dor, a envolve em um abraço protetor, tentando oferecer algum consolo, mas a expressão de Kursh reflete um profundo luto, seus olhos perdidos em um vazio que parece consumir tudo.

Antes que alguém possa processar o que está acontecendo, Dum, como se recebesse uma mensagem urgente, parece ser contatado por uma força maior. Ele, ainda em choque, levanta a cabeça, e sua voz, agora firme, ecoa na arena:

— DEUSES! COMPAREÇAM À CATEDRAL 76 IMEDIATAMENTE!

Tragédia

23.1

Yuuki e os deuses se teleportam para a Catedral 76, seus corações acelerados, o peso da expectativa esmagando seus peitos. O ar parece estar carregado de um pressentimento sombrio, como se o próprio espaço estivesse angustiado. Ao atravessarem as portas, o que encontram diante de si é uma cena de horror absoluto. A Central 76, normalmente um lugar de grandeza e reverência, agora é um campo de batalha, transformado em um cenário de carnificina inimaginável.

Ferminiano, um dos fantasmas exilados, jaz morto e dilacerado nas cadeiras, seu corpo mutilado ao lado de dezenas de outros corpos no mesmo estado, é uma visão que provoca náuseas. A Tríade Celestial, uma vez símbolo de poder e harmonia, está rasgada e triturada brutalmente, suas partes espalhadas de maneira grotesca. O chão está coberto de sangue, formando poças vermelhas que refletem a luz em um brilho macabro. O horror se instala nos olhos dos deuses, a realização do que aconteceu começa a se abrir como uma ferida sangrenta em seus corações.

Yuuki avança lentamente, seus passos pesados como se estivesse atravessando um campo de escombros. O ar é denso e opressivo, e cada respiração parece um esforço hercúleo. À medida que se aproxima do altar, seu coração dispara, um misto de medo e antecipação o consome. Ele não consegue se livrar da sensação de que algo terrível aconteceu, uma tragédia de proporções inimagináveis.

Ao chegar ao altar, um calafrio percorre sua espinha. A cena que se desenrola diante dele é além de qualquer pesadelo que ele pudesse imaginar. No altar, coberto de sangue e com o olhar vazio e sem vida, está o corpo de alguém familiar, alguém que ele nunca imaginou ver assim. O mundo ao seu redor parece desaparecer, e todos os sons se tornam distantes e abafados, como se uma barreira invisível tivesse se formado entre ele e a realidade.

Uma onda de dor e desespero o envolve, e o mundo ao seu redor desaparece. As vozes dos deuses se tornam ecos distantes enquanto ele encara a horrenda verdade.

Deluxe está morto.